



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO

GISELE RODRIGUES FROIS DE SOUZA

**“NÃO É NÃO”: UMA ANÁLISE SOBRE ASSÉDIO SEXUAL DIRECIONADO À
MULHERES NO CARNAVAL DE OURO PRETO (MG)**

Ouro Preto

2023

GISELE RODRIGUES FROIS DE SOUZA

**“NÃO É NÃO”: UMA ANÁLISE SOBRE ASSÉDIO SEXUAL DIRECIONADO À
MULHERES NO CARNAVAL DE OURO PRETO (MG)**

Monografia apresentada ao curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Kerley dos Santos Alves

Coorientador: Me. Yuri A. Estevão Rezende

Ouro Preto

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S729n Souza, Gisele Rodrigues Frois de.
Não é não [manuscrito]: uma análise sobre assédio sexual
direcionado à mulheres no carnaval de Ouro Preto (MG). / Gisele
Rodrigues Frois de Souza. - 2023.
96 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Kerley dos Santos Alves.
Coorientadora: Ma. Yuri Alexandre Estevão Rezende.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Carnaval - Ouro Preto (MG). 2. Turismo - Ouro Preto (MG). 3.
Assédio sexual às mulheres - Ouro Preto (MG). I. Alves, Kerley dos
Santos. II. Rezende, Yuri Alexandre Estevão. III. Universidade Federal de
Ouro Preto. IV. Título.

CDU 394.25(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Michelle Karina Assuncao Costa - SIAPE: 1.894.964



FOLHA DE APROVAÇÃO

Gisele Rodrigues Frois de Souza

Não é não: uma análise sobre assédio sexual direcionado à mulheres no carnaval de Ouro Preto (MG)

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 30 de março de 2023

Membros da banca

- [Dra] -Kerley dos Santos Alves - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
[Me]Yuri Alexandre Estevão Rezende - coorientador- (Universidade Federal de Minas Gerais)
[Me] - Raissa de Keller e Costa - (Universidade Federal de Minas Gerais)
[Dr] - Bruno Pereira Bedim - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Kerley dos Santos Alves, Orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 29/05/2023



Documento assinado eletronicamente por **Kerley dos Santos Alves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/05/2023, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0532955** e o código CRC **8F11358C**.

Dedico este trabalho a todos que fazem e fizeram parte da minha vida ao longo dessa trajetória. Em especial a minha mãe que sempre esteve comigo pra tudo!

AGRADECIMENTOS

Bom, vamos lá!...

Quanto ao sentimento nunca fui tão boa em me expressar, mas de antemão não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que de certa forma fizeram parte desta conquista e antes de mais nada agradecer a Deus por me abençoar mais do que eu mereço e por ter me permitido chegar até aqui!

Em primeiro lugar, quero expressar minha gratidão e admiração por uma pessoa que foi e é essencial em minha vida, o meu alicerce, aquela que eu digo com convicção que é meu porto seguro, o meu refúgio! Que nunca mediu esforços e sempre lutou contra tudo e todos para me proporcionar o melhor em meio a tantas dificuldades, estando sempre ao meu lado! A peça fundamental em toda minha jornada. Sem o apoio e suporte incondicional dessa pessoa, eu não chegaria a lugar algum e muito menos teria alguma perspectiva de um futuro. E é com grande honra que dedico essa homenagem a minha mãe e confidente: Gislene Frois. Pessoa a qual eu sempre me espelhei tanto na garra quanto na determinação, que é exemplo por onde passa e o verdadeiro significado de guerreira! Graças a ela e ao seu apoio cheguei até aqui, parte de um sonho realizado, obrigada por tanto! Mãe, EU TE AMO!!

Em segundo lugar, minha avó Conceição (*in memoriam*), êh, leilão! Espero que a senhora veja daí de cima que sua neta se formou trazendo orgulho pra família, cada dia mais a saudade aqui aperta, saiba que sou eternamente grata por ter passado bons momentos ao seu lado. EU TE AMO!

Agradeço encarecidamente aos meus orientadores, a Dr^a Kerley dos Santos e ao Mestre Yuri Estevão, pela excelente orientação, sem vocês eu não teria saído nem da primeira linha! Mesmo com tanta insegurança e receio de não conseguir, estavam sempre me motivando e colocando pra cima. Obrigada pelo cuidado e paciência de sempre, vocês são incríveis!

Agradeço aos meus amigos de Itabira que mesmo de longe se mantiveram presentes comigo!

Agradeço aos amigos que fiz durante a trajetória em Ouro Preto, as boas corriolas!

Agradeço ao Detur e a todos os professores do departamento, por terem sido essenciais em minha trajetória acadêmica!

Agradeço a Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino público, gratuito e de qualidade!

“Levante a cabeça para calar as vozes que
tentam te silenciar!” (Autor desconhecido)

RESUMO

O carnaval brasileiro é uma das festas culturais mais populares que existe, atraindo turistas de todo o mundo. Neste sentido, este estudo tem como objetivo principal compreender questões relacionadas ao assédio sexual durante o carnaval de Ouro Preto (MG) e investigar se a imagem sexualizada da mulher tem alguma influência na atração de turistas para o evento. Para alcançar esse objetivo, o estudo empregou pesquisas bibliográficas e formulários na plataforma Google Forms, direcionados a mulheres frequentadoras do carnaval de Ouro Preto. Os resultados deste estudo apresentam uma contextualização histórica do turismo sexual no Brasil, destacando a influência da Embratur na década de 1970. As percepções das mulheres sobre o marketing que objetifica a imagem feminina durante o carnaval foram investigadas, bem como seus relatos sobre a violência sexual e suas consequências no período festivo. Conclui-se que a conscientização sobre a gravidade do assédio sexual é fundamental e que medidas para combatê-lo são essenciais. Este estudo contribui para o debate sobre o turismo sexual e a exploração da imagem da mulher durante o carnaval brasileiro, ressaltando a necessidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva acerca desse fenômeno.

Palavras-chave: Turismo, carnaval, assédio sexual, mulheres, Ouro Preto.

ABSTRACT

The Brazilian carnival is one of the most popular cultural festivals around, attracting tourists from all over the world. In this sense, the main objective of this study is to understand issues related to sexual harassment during the Carnival in Ouro Preto (MG) and to investigate whether the sexualized image of women has any influence on attracting tourists to the event. To achieve this objective, the study used bibliographic research and forms on the Google Forms platform, aimed at women who attend the Ouro Preto carnival. The results of this study present a historical context of sex tourism in Brazil, highlighting the influence of Embratur in the 1970s. The evidence of women about marketing that objectifies the female image during carnival was investigated, as well as their reports about the sexual violence and its consequences during the festive period. It is concluded that awareness of the severity of sexual harassment is fundamental and that measures to combat it are essential. This study contributes to the debate on sexual tourism and the exploitation of women's image during the Brazilian carnival, highlighting the need for a more critical and reflective approach to this phenomenon.

Keywords: Tourism, carnival, sexual harassment, women, Ouro Preto.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Campanha Embratur contra o turismo sexual infanto-juvenil no Brasil II (1997).	21
Figura 02 - Campanha Embratur contra o turismo sexual infanto-juvenil no Brasil II (1997).	21
Figura 03 - Campanha Embratur 1977.....	25
Figura 04 - Campanha Embratur 1978.....	25
Figura 05 - Campanha Embratur I.....	26
Figura 06 - Campanha Embratur II.....	26
Figura 07 - Campanha Embratur III.....	26
Figura 08 - Publicidade Embratur.....	27
Figura 09 - Campanha Embratur 1973 I.....	27
Figura 10 - Campanha Embratur 1973 II.....	27
Figura 11 - Campanha de divulgação da Itaipava.....	41
Figura 12 - Campanha de divulgação da Itaipava.....	41
Figura 13 - Campanha de divulgação da Devassa.....	41
Figura 14 - Imagem da evolução da Globeleza.....	43
Figura 15 - Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto.....	45
Figura 16 - Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto.....	45
Figura 17 - Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto.....	45
Figura 18 - Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto.....	45
Figura 19 - Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto.....	46
Figura 20 - Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto.....	46
Figura 21 - Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto.....	46
Figura 22 - Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto.....	46
Figura 23 - Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto.....	46
Figura 24 - Print da página do site da UFOP	76

LISTA DE GRÁFICO E QUADRO

Gráfico 01 - Como você se identifica em termos de gênero.....	54
Gráfico 02 - Idade.....	55
Gráfico 03 - Em termos de cor ou raça, você se declara uma pessoa.....	58
Gráfico 04 - Como você se identifica em termos de sexualidade?.....	59
Gráfico 05 - Você reside na cidade de Ouro Preto (MG).....	60
Gráfico 06 - Você mora ou morou em república estudantil?.....	61
Gráfico 07 - Quantas vezes você já passou o carnaval em Ouro Preto?.....	61
Gráfico 08 - Onde você está hospedada ou se hospedou ou se hospedou durante o carnaval de Ouro Preto (MG).....	62
Gráfico 09 - Você já foi vítima de assédio sexual?.....	69
Gráfico 10 - Durante o carnaval de Ouro Preto (MG) você foi vítima de assédio sexual?.....	72
Gráfico 11 - Se você sofreu assédio no carnaval de Ouro Preto , o/a agressor/ insinuou que o traje (roupa ou fantasia) usada por você teria motivado o assédio?.....	74
Gráfico 12 - Você conhece alguma mulher que foi vítima de assédio sexual durante o carnaval de Ouro Preto (MG).....	75
Gráfico 13 - Durante o carnaval de Ouro Preto (MG) você presenciou alguma situação de assédio sexual contra mulher?.....	77
Gráfico 14 - Se a resposta anterior for SIM, a situação presenciada ocorreu em:.....	78
Gráfico 15 - Em relação a violência contra mulheres, você se sente segura no carnaval de Ouro Preto.....	79
Gráfico 16 - Você considera que o carnaval pode ser um evento propício para o assédio sexual contra mulheres?.....	80
Quadro 01 - Cidade de origem das participantes.....	56

LISTA DE SIGLAS

EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

SSP - Segurança Pública de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 – TURISMO SEXUAL: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO BRASIL COMO PAÍS DO “SEXO FÁCIL”.....	17
1.1 Aspectos conceituais do Turismo Sexual.....	17
1.2 Turismo Sexual no Brasil e seus impactos.....	20
1.3 EMBRATUR: O marketing turístico governamental e sua influência na produção imagética do Brasil como destino de turismo sexual.....	24
CAPÍTULO 2 – CARNAVAL, ASSÉDIO SEXUAL E A IMAGEM DA MULHER BRASILEIRA COMO MARKETING TURISTICO DA FESTA: A CULPA NUNCA É DA VÍTIMA!.....	30
2.1. O carnaval no Brasil: uma breve contextualização.....	30
2.2 – Assédio sexual no âmbito do carnaval.....	36
2.3 – O uso da imagem das mulheres enquanto produto de marketing do carnaval no Brasil.....	41
CAPÍTULO 3 – ASSÉDIO SEXUAL DURANTE O CARNAVAL DE OURO PRETO: CARNAVAL SIM, ASSÉDIO NÃO!.....	54
3. 1 – Caracterização das mulheres participantes.....	55
3. 2 – Assédio sexual no carnaval de Ouro Preto sob a perspectiva das entrevistadas... 64	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87
GLOSSÁRIO.....	96

INTRODUÇÃO

O carnaval de Ouro Preto é um dos eventos mais populares que existe em Minas Gerais, atraindo milhares de pessoas de todo canto do mundo. No entanto, lamentavelmente, o ambiente festivo pode proporcionar uma oportunidade para que alguns indivíduos ajam de maneira inadequada e até criminosa, na saciedade da libertinagem, etimologicamente falando, em busca da liberdade sem restrições.

Posto isso, o presente trabalho de conclusão de curso, tem por finalidade trazer um tema o qual tem sido muito discutido na atualidade, o Assédio Sexual, que de acordo com Pamplona Filho (2020), se trata de uma “conduta de natureza sexual não desejada que, embora repelida pelo destinatário, é continuamente reiterada, cerceando-lhe a liberdade sexual.” (p.24). Além disso, o estudo busca contextualizar a temática do assédio sexual no âmbito da festividade carnavalesca de Ouro Preto.

A iniciativa deste trabalho se deu a partir da minha percepção como mulher, em possuir um lugar de fala que em conformidade com Ribeiro (2017), se refere a ideia de que as pessoas possuem experiências e perspectivas únicas baseadas em sua identidade e posicionamento perante a sociedade. Contudo, como frequentadora do carnaval Ouropretano há muito tempo, passei por diversas situações de assédio que me despertaram interesse em trazer a problemática como estudo, principalmente atrelada a uma festividade que eu gosto, que é o carnaval.

A monografia tem como objetivo compreender assuntos relacionados ao “assédio sexual no carnaval de Ouro Preto”, trazendo pontos que ajudam a evidenciar sobre a imagem sexualizada da mulher e se isso influencia na atração de turistas para o carnaval de Ouro Preto. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

I - Discutir o turismo sexual no contexto brasileiro, tal qual a influência do Embratur no seu desenvolvimento ao longo dos anos.

II - Relacionar as campanhas de divulgação de alguns carnavais no Brasil, com ênfase em Ouro Preto, quanto ao uso das imagens de mulheres em tais propagandas.

III - Investigar questões relacionadas a assédio sexual durante o carnaval de Ouro Preto a partir das perspectivas de mulheres que frequentaram o evento.

Na metodologia de pesquisa, os capítulos iniciais utilizaram-se do método de pesquisa teórica, a partir do levantamento e análise bibliográfica de obras relevantes publicadas. A pesquisa foi concluída por meio de entrevistas em profundidade com roteiro estruturado direcionado a mulheres que frequentam o carnaval de Ouro Preto. Assim, foram coletados dados em conformidade com os assuntos levantados na parte bibliográfica como forma de aprofundar e confirmar os pressupostos elencados, esses, estão apresentados de modo detalhado no capítulo 3. A pesquisa está organizada em três capítulos, Turismo Sexual: A Construção da Imagem do Brasil Como País do “Sexo Fácil”; Carnaval, Assédio Sexual e a Imagem da Mulher Brasileira como Marketing Turístico da Festa: A Culpa Nunca é da Vítima! E por último, Assédio Sexual Durante o Carnaval de Ouro Preto: Carnaval Sim, Assédio Não!.

No primeiro capítulo, são trabalhados os conceitos acerca do turismo sexual, que de acordo com Bem (2005), consiste na prática de viajar com o objetivo de realizar atividades sexuais. Inicialmente aborda um panorama geral e posteriormente no âmbito do Brasil. Destacou-se em seguida, a grande influência pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) durante a década de 1970, tal influência se deu através de estratégias de marketing e promoção turística que incentivaram a exploração sexual de mulheres, sob o pretexto de fomentar o turismo e a economia local no período da ditadura militar. No segundo capítulo, foi realizada uma breve contextualização acerca do carnaval, abordando exemplos da celebração em diversas localidades, como: Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Minas Gerais. Em seguida, articulamos conceitos juntamente com relatos que retratam a problemática do assédio e a contextualizam no âmbito do carnaval, tema este que será amplamente discutido ao longo da pesquisa. Para avançar nessa discussão, trouxemos a temática do marketing juntamente a sua relação diante a objetificação da mulher, apresentando conceitos fundamentais e imagens que ilustram como as mulheres são sexualizadas em materiais de campanhas de divulgação do carnaval, essas imagens, foram colhidas de vídeos de divulgação do carnaval das repúblicas estudantis de Ouro Preto se encontram na internet, por fim, análises críticas dessas imagens foram realizadas.

O terceiro capítulo apresenta as percepções das participantes, bem como, as implicações do assédio sexual durante o carnaval de Ouro Preto.

(DUTRA, 2008 *apud* ASSUNÇÃO E BABINSKI, 2010, p. 04).

Sabe-se que, além do turismo sexual se configurar como um problema relevante na sociedade, a prática desvela ainda uma questão estrutural: a desigualdade social, em termos de classe. Afinal, trata-se principalmente de uma atividade exploratória onde indivíduos pertencentes as classes mais abastadas tendem à partir do recurso aquisitivo disponível, estabelecer relações sexuais com pessoas de classes populares e/ou periféricas, ou seja, em situação de hipossuficiência, muitas vezes.

Entre pessoas de baixa renda, há muitas que praticam o turismo sexual como uma atividade extra nos finais de semana, ganhando mais do que no mês inteiro de trabalho como domésticas, passando bons momentos, frequentando restaurantes que de outra forma não poderiam frequentar, realizando passeios e sendo tratadas pelos estrangeiros como “namoradas ocasionais” e não como prostitutas (BEM, 2005, p.10).

Lamentavelmente, o turismo sexual é um problema significativo em muitos países, incluindo o Brasil. Pasiani (2017, p.16) relata que “A atividade está vinculada ao capitalismo, quando o ser humano com melhor condição financeira busca nos mais frágeis a possibilidade de exploração”. Já Gabrielli (2015), enfatiza que a procura constante por prazeres diversos, associados ao deslumbre, faz com que os fluxos em destinos periféricos aumentem ainda mais, diante das oportunidades de oferecer atrativos exóticos para o conhecimento dos turistas, tendo em vista que estes por sua maioria possuem grande poder de aquisição. Há casos em que, a escassez de investimentos em políticas públicas, a falta de planejamento, a desigualdade social do país e também a falha no desenvolvimento do local, acabam contribuindo para o agravamento do problema, o que pode ocasionar a inserção de mulheres no mercado da prostituição.

É importante reconhecer que a escolha da prostituição como uma fonte de renda pode ser influenciada por uma série de fatores, incluindo pobreza, falta de acesso a outras oportunidades de emprego e educação, exploração e coerção. Feijó e Calazans (2002, p.10) completam que a “fome, poucas oportunidades de trabalho, falta de educação e cultura, motivam mulheres a tentar a sorte na prostituição ou a busca de empregos no exterior, com salários em dólares”.

Para Ramos (2000), a prostituição adulta não é considerada crime, até mesmo pelo fato da maioridade e pela noção de livre arbítrio. As formas que a pessoa utiliza ou não seu

corpo para interesses sexuais, indiferente do número de atores com quem ela se envolva, portanto, é uma escolha individual e, por conseguinte, pessoal.

No Calçadão e nas esquinas dos bairros Praia de Iracema, Meireles e Mucuripe, onde se concentram a principal rede hoteleira de Fortaleza e alguns dos pontos turísticos mais visitados da cidade, é nítida a presença de garotos e garotas de programa, travestis e até crianças exercendo a prostituição (SILVA, 2011, p.41).

O turismo sexual não é considerado uma segmentação do setor turístico e não carece ser. Trata-se, antes, de um problema vigente e que ainda perpetua nosso cotidiano, algo que não deveria ser incentivado tampouco considerado como turismo, sobretudo pelo fato de estar visceralmente ligado ao mercado do sexo/exploração sexual envolvendo crianças e adolescentes. Como já previsto, encontrar dados que comprovam tal situação não é fácil, justamente por não haver tantas denúncias relacionadas. De acordo com o site¹ do Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP, 2020, s/p),

Em 2018, mais de 35.000 crianças e adolescentes de até 13 anos de idade foram vítimas de violência sexual no Brasil, ou seja, pelo menos 04 meninos ou meninas com menos de 13 anos foram abusados a cada hora. Dados do Governo Federal, para o mesmo ano indicam que o Disque 100 (Disque Direitos Humanos) recebeu 76.216 denúncias envolvendo crianças e adolescentes, sendo 17.093 dos registros referentes a violência sexual, com a predominância de vítimas do sexo feminino em mais de 75% dos casos.

Uma pessoa quando faz a programação de uma viagem, pode programá-la por diversas razões, sejam elas para férias, lazer, negócios, entre outros. Sendo assim, conseqüentemente, sua finalidade pode ser tanto por interesses pessoais e profissionais quanto por um imaginário que ela (re)cria de experiências que também poderá vivenciar no determinado momento/local. Outro fator que pode contribuir significativamente para a programação de uma viagem se dá através do marketing turístico, onde explora-se uma combinação de técnicas para atrair clientes, aumentando a visibilidade do produto a ser divulgado. De acordo com Lopes (2015, p.171), “A formação da imagem de uma destinação turística se dá, portanto, por meio de elementos que geram ideias de como seria um destino, como os livros, as reportagens, relatos de pessoas, os próprios estereótipos ou a imagem

¹ Disponível em:

<http://www.sesp.mt.gov.br/-/14496004-abuso-infantil-nao-e-brincadeira#:~:text=Dados%20do%20Governo%20Federal%5B2,mais%20de%2075%25%20dos%20casos. Acesso em: 14 out. 2022.>

imposta pelo marketing turístico”. Alfonso (2006, p.76), completa que “A imagem é o principal instrumento para as vendas, a decisão de compra irá se basear, então, numa expectativa, num sonho de consumo ou numa imagem construída anteriormente à decisão de compra”. Em suma, sabe-se também que, infelizmente, há aquelas pessoas que de certa forma saem para desfrutar de seus “desejos carnis”, na intenção de saciá-los. Não que seja errado viajar na intenção de viver experiências sexuais com outros atores sociais, desde que ambos sejam adultos e o ato seja consentido. No entanto, quando envolve troca financeira ou bens materiais, pode se tratar de exploração sexual, ou também prostituição.

Embora não haja estatísticas precisas sobre a extensão do turismo sexual no Brasil, estima-se que milhares de estrangeiros visitam o país a cada ano com o objetivo de se envolver em atividades sexuais com crianças e adolescentes, além de mulheres adultas. Sobreira *et al* (2014, p. 424) concluem que, “o turismo sexual traz muitas consequências para o país, como a exploração sexual de crianças e adolescentes, além do tráfico de mulheres envolvendo toda uma rede formada desde taxistas, barraqueiros e até bares e pousadas”. Essa forma de exploração sexual é altamente prejudicial para as vítimas e pode produzir efeitos sociais, econômicos, de saúde física, mental e emocional ao decorrer de suas trajetórias. Sendo assim, é necessário um esforço coletivo para combater a exploração sexual e o turismo sexual.

1.2 Turismo Sexual no Brasil e seus impactos

O atual cenário da sociedade brasileira infelizmente desde os tempos primórdios, ainda carrega consigo um machismo estrutural, resultado de uma cultura patriarcal que favorece os homens e desvaloriza as mulheres (ALVES FERREIRA, FURTADO, 2021). Essas estruturas são visíveis em diversos aspectos da sociedade, desde a divisão desigual de tarefas domésticas e cuidados com filhos até a discriminação no mercado de trabalho e a violência contra as mulheres. Embora haja uma luta constante pelos seus direitos de igualdade, as mulheres ainda sofrem com suas inferioridades e submissão aos homens (LOURENÇO, ARTEMENKO, BRAGAGLIA, 2014).

Audre Lorde explica assim, em *Irmã Outsider* (2019), enquanto compara as diversas manifestações de violência na sociedade: Racismo, a crença na superioridade inerente a uma raça sobre todas as outras, e portanto o direito à

dominância. Machismo, a crença na superioridade inerente a um sexo sobre o outro, e portanto a dominância. Etarismo. Heterossexismo. Elitismo. Classismo (p. 142).

O machismo estrutural sexualiza o corpo das mulheres, ao mesmo tempo, em que aquelas que não se deixam controlar pelas amarras sociais, podem ser vistas como prostitutas ou mulheres para o sexo fácil.

A prostituição no Brasil não é registrada como trabalho legal, de acordo com JUSBRASIL (2020, s/p.). Em julho de 2012 o Ex- Deputado Jean Wyllys de Matos Santos, elaborou um projeto nomeado “Lei Gabriela Leite”, projeto de Lei nº 4.211, que regulamenta a prostituição, visando proteção e direitos legais dos trabalhadores do sexo, proposta que está engavetada na Câmara. Embora algumas pessoas possam optar pela prostituição como uma escolha livre e consciente, é importante abordar as questões sistêmicas que podem limitar as opções das pessoas e colocá-las em situações precárias. Em vez de normalizar a prostituição como uma opção de trabalho, é importante trabalhar em direção a soluções que ofereçam às pessoas outras oportunidades de emprego e que combatam a coerção na indústria do sexo e a exploração sexual. É assegurado no Art. 228. do Código Penal que: “Induzir ou atrair alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual, facilitá-la, impedir ou dificultar que alguém a abandone. Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa”.

Para Ramos (2000), a exploração sexual é algo decorrente a comercialização da atividade sexual, ou seja, acontece quando o indivíduo viaja para algum destino ou já pertence ao local onde ocorre o fluxo de turistas e resolve trocar sexo por dinheiro ou bens materiais. Em outro contexto, a exploração sexual pode acontecer envolvendo a manipulação, o suborno, coação ou até mesmo força física, e acontece quando as pessoas são vendidas ou compradas para realização de atividades sexuais.

Não obstante, por vezes, as mulheres adentram um círculo vicioso e simultâneo de ilusões, situações essas em que, na maioria dos casos, os outros atores envolvidos são os estrangeiros, onde a mulher/ou a pessoa que prostitui projeta um imaginário de se obter um futuro e uma qualidade de vida melhor no exterior. Silva (2003, p. 363) destaca, “é a fragilidade e a ignorância (o engodo) que propiciam o fortalecimento do encanto de se buscar uma vida melhor no exterior, tornando os indivíduos também vulneráveis ao encanto representado pelos esquemas de tráfico”, já Gabrielli (2015, p.85) conclui que, “muitas vezes,

as meninas, que se prostituem, o fazem por necessidade econômica, mas, ao mesmo tempo, almejam encontrar “o príncipe encantado”.

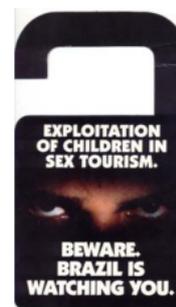
Na atualidade, o tema “turismo sexual” está em destaque nos espaços acadêmicos e com isso é possível encontrar uma variedade reflexões teóricas/empíricas relacionadas ao assunto, devido ao crescimento da problemática. Alfonso (2006), destaca que na década de 1990, o EMBRATUR percebeu de fato o quanto a questão do turismo sexual se agravava no Brasil e se tornava um problema para o país, principalmente pelo fato de envolver crianças e adolescentes por meio de exploração sexual. Com isso, vários segmentos da população pressionaram o Instituto a “dar” um jeito na situação. Em consequência disso, campanhas contra a exploração do turismo sexual infanto-juvenil foram movimentadas, na intenção de combater o fenômeno.

FIGURA 01: Campanha Embratur contra o turismo sexual infanto-juvenil no Brasil II (1997)



Fonte: Alfonso (2006, p.109).

FIGURA 02: Campanha Embratur contra o turismo sexual infanto-juvenil no Brasil II (1997)



Fonte: Alfonso (2006, p.109).

Embora haja estas campanhas contra incentivo deste “segmento”, ou melhor dizendo, desta prática, sabe-se que ela ainda é uma grande problemática na sociedade por sua relação à exploração sexual e ao tráfico de pessoas.

As vítimas do tráfico são frequentemente escravizadas para propósitos sexuais, mas também podem ser encontradas em cozinhas ou pensões, restaurantes e bares. A infraestrutura do turismo pode, ainda, criar mercados para a mendicância forçada e com fins de exploração, bem como para a venda ambulante. Até mesmo os órgãos de vítimas do tráfico são utilizados para atrair pessoas que precisam de um transplante. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012, s/p).

Há vários estudos que relatam que no Brasil o Nordeste é um dos lugares onde mais acontecem casos de turismo sexual (SILVA, 2007; GABRIELLI, 2015). Em seu artigo, Gabrielli (2015) aponta que no Brasil, mais precisamente na região do nordeste, há diversas causas que contribuem para este cenário.

A presença marcante de afro-descendentes, os abismos sociais, o clima aliado a paisagens paradisíacas, características peculiares da cultura local, além dos estereótipos, que reforçam matrizes conceituais, envolvendo exotismo e mulher, alimentando o imaginário de diversos turistas (GABRIELLI, 2015, p.83).

Amaral Silva (2007, p.6) completa: "O turismo sexual no Brasil utiliza-se de uma rede de relações, na qual se identifica a presença de agentes internacionais, que organizam excursões específicas, cujo destino inclui, as cidades litorâneas do Nordeste".

Quando se fala de turismo sexual, como anteriormente debatido, logo vem à mente a questão da "prostituição". Em abril de 2019, este tema veio à tona nas mídias, gerando uma grande polêmica e revolta nos internautas, devido às falas machistas proliferadas em um ato de repúdio às pessoas homossexuais vinda do ex-presidente Jair Bolsonaro, na qual afirmava que: "O Brasil não pode ser país do turismo gay, temos famílias!" seguida de "Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade!" (SCHUQUEL, 2019, s/p). As falas reproduzidas pelo ex-presidente do Brasil, geraram uma grande revolta nas redes sociais e movimentos feministas, pois, além de conter um conteúdo homofóbico, fazia apologia ao turismo sexual. Diante do ocorrido, estados como: "Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão, Paraíba, Bahia e Espírito Santo" se mobilizaram e criaram campanhas em prol ao combate do turismo sexual no Brasil (SUDRÉ, 2019, s/p).

É absurdo que nos dias atuais tenhamos que presenciar/lidar com situações como essa, onde na conjuntura, quem deveria preservar e zelar pela imagem do país, principalmente no exterior, compactua com ações e proliferação de discursos que de certa forma contribuem ainda mais para a prática do turismo sexual. Ademais, cabe pontuar que o turismo sexual pode ter efeitos econômicos negativos. Embora possa trazer dinheiro para algumas áreas, é uma atividade ilegal e não regulamentada, o que significa que não há impostos ou controles para

proteger a economia local. Além disso, a imagem do país pode ser prejudicada por essa prática, o que pode afetar negativamente os segmentos do turismo que são lícitos.

Outro impacto negativo do turismo sexual é o aumento do risco de doenças sexualmente transmissíveis. Sem regulamentação adequada, os trabalhadores sexuais e seus clientes correm maior risco de contrair doenças, o que pode ter consequências graves para a saúde pública (DIAZ, GALVAO, CHINAGLIA, LIPPMAN, 2003). Em resumo, o turismo sexual é um problema sério e complexo que tem impactos negativos no Brasil, “um destes impactos negativos são a exploração e a prostituição sexual infantil, que são possíveis vertentes nocivas que o turismo insere na comunidade (LARANJEIRA, 2012, p. 42). É importante que haja esforços para combater a exploração sexual e apoiar os direitos humanos, além de promover o turismo responsável e sustentável.

1.3 EMBRATUR: O marketing turístico governamental e sua influência na produção imagética do Brasil como destino de turismo sexual

A imagem estereotipada do Brasil no exterior, caracterizada pelo “Carnaval, Sol e Praia”, é amplamente conhecida. Em virtude disso, é impossível falar de turismo sexual e não falar sobre o Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR – órgão responsável pela promoção do turismo no Brasil durante a década de 1960.

[...] em 18 de novembro de 1966, a Embratur foi criada, por meio do decreto-lei do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, o qual também deu origem ao Conselho Nacional de Turismo e definiu a Política Nacional de Turismo. Neste momento, a Embratur tinha como principais atribuições as atividades voltadas para o desenvolvimento da indústria do turismo no Brasil, a qual ainda carecia de uma série de políticas para o seu crescimento (EMBRATUR, 2021, s/p).

Na década de 1970, o Embratur utilizou-se de um marketing turístico “pesado”, conduzindo publicidades que traziam como tema “carnaval, futebol, sol e praia” para tentar encobrir os rumores relacionados à situação crítica em que se encontrava o país durante o golpe militar. Bastos (2021), aponta que estes rumores de certa forma poderiam influenciar muito negativamente na imagem do país, com isso, utilizavam-se da imagem da mulher para

atrair turistas, usando e abusando de sua sensualização e associando-a à época mais festiva do país que é o carnaval, divulgando o país como um "país das maravilhas".

No ano de 1991, o EMBRATUR deixou de ser uma empresa pública e passou a ser uma autarquia federal, passando a ser reconhecida como Instituto Brasileiro de Turismo, exercendo suas funções de forma autônoma, tendo conexão direta a Secretaria de Desenvolvimento Regional da Presidência da República, sendo responsável pela gestão e execução da Política Nacional do Turismo.

Em 1991, após a aprovação da Lei nº 8181 de 28 de Março de 1991, a EMBRATUR deixa de ser uma empresa pública e passa a ter natureza jurídica de direito público, passando a ser responsável pela execução, formulação, coordenação e planejamento da Política Nacional do Turismo, outrora funções de responsabilidade do CNTur, conselho extinto pela mesma Lei. Assim, a EMBRATUR passa a denominar-se Instituto Brasileiro de Turismo e sua sede é transferida do Rio de Janeiro para Brasília (ALFONSO, 2006, p.68).

Contudo, em 2003, foi criado o Ministério do Turismo e a Embratur passou a ser responsável pela “promoção, marketing e apoio à comercialização dos produtos, serviços e destinos brasileiros em todo o mundo.” (EMBRATUR, 2021, s/p).

O plenário do Senado Federal aprovou, na última terça-feira (28), a Medida Provisória (MP) nº 907/19, que mudou o status da Embratur. Antes autarquia, a empresa passa a ser uma agência de interesse coletivo e de utilidade pública, como Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (AGÊNCIA BRASIL, 2020, s/p).

A “realidade” mostrada pela mídia na década de setenta, era a realidade imposta pelo regime militar. Enquanto o país vivia o momento de intensa censura e repressão, era divulgado para o mundo um Brasil harmonioso e de grande crescimento econômico (KAJIHARA, 2010, p.8).

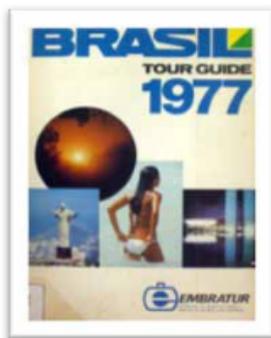
De certa forma, pode-se dizer que a imagem do Brasil foi socialmente construída, produzindo um imaginário mistificado, cenário este responsável por protagonizar a imagem estereotipada e sexualizada da mulher brasileira, usando-a sempre como referência e

ilustrando a participação do turismo no Brasil, mais especificamente, o “turismo sexual”, que segundo Ferreira (2008, p.88), “ocorre no exercício da liberdade sexual”.

Assim, para Moura (2013) *apud* Marques e Mancini (2014), desde a época do descobrimento do Brasil a imagem da mulher brasileira é vendida de forma sexualizada, esta, sempre associada ao imaginário de sexo fácil que os estrangeiros têm sobre o Brasil. Posto isso, Assunção e Babinski, (2010, p.4), relatam que, “Caminha possivelmente provocou curiosidade, mais tarde, aos que puderam ler a Carta”, reforçando a primeira visão do turista em relação às mulheres brasileiras, que é a visão das mulheres sempre nuas ou com poucos trajes e de certa forma “fáceis”.

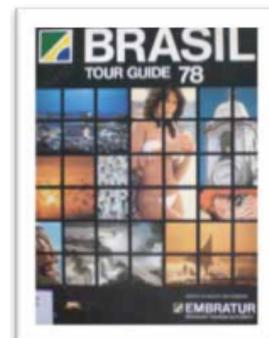
Kajihara (2010), aponta que, uma boa parte dos materiais de campanha da EMBRATUR analisados durante a década de 1970 trazem consigo a mesma imagem estereotipada da mulher brasileira assim como na década de 1980, as mulheres seminuas nas praias sendo promovidas como se fossem uma atração do país, o que na conjuntura influenciava e ainda possivelmente influencia na vinda de outros povos para o país a procura de sexo fácil. Marques e Mancini (2014), completam que a imagem da mulher sempre foi divulgada como atrativo turístico pelos próprios órgãos de Turismo no Brasil. Essas divulgações sempre remetiam a praia e a mulher seminua. Em concordância, Santos, Francisco e Guerra (2021), destacam que o corpo da mulher foi amplamente utilizado para estimular a vinda de turistas estrangeiros para o Brasil em busca de se obter uma experiência sexual fácil e exótica. Sendo assim, logo a seguir serão exibidas imagens de campanhas da Embratur que comprovam tal exposição das mulheres em forma de divulgação.

FIGURA 03: Campanha Embratur 1977



Fonte: Kajihara (2010, p.9)

FIGURA 04: Campanha Embratur 1978



Fonte: Kajihara (2010, p.9).

As imagens apresentadas nas figuras 03, 04, 05, 06 e 07, correspondem a guias e campanhas de divulgação da EMBRATUR durante a década de 1970 e 1980, peças essas que estimulam indiretamente o turismo sexual.

FIGURA 05: Campanha Embratur I



Fonte: Kajihara (2010, p.11).

FIGURA 06: Campanha Embratur II



Fonte: Kajihara (2010, p.11).

Observa-se que as imagens apresentadas trazem consigo a mesma linha de exposição, sempre as mulheres semi nuas exibindo toda sua sensualidade e vinculadas às belas praias e aos principais atrativos turísticos do Brasil como por exemplo, o Rio de Janeiro.

FIGURA 07: Campanha da Embratur III



Fonte: Kajihara (2010, p.12).

Em face ao cenário atual, é comum vermos a imagem da mulher vinculada a algum tipo de publicidade, e isso já é notório desde a década de 1970, na qual a mulher era fruto das divulgações.

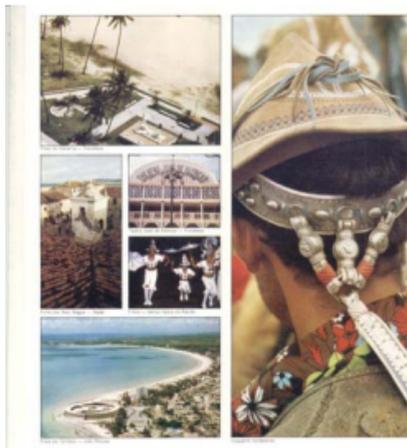
FIGURA 08: Publicidade Embratur



Fonte: Alfonso (2006, p.87).

Imagens extraídas do artigo escrito por Alfonso (2006), de acordo com a autora, podem-se observar que estas imagens comprovam a presença da imagem da mulher nas campanhas de divulgação relacionadas tanto às praias quanto às manifestações culturais e principalmente ao carnaval.

FIGURA 09: Campanha da Embratur 1973 I



Fonte: Alfonso (2006, p.88).

FIGURA 10: Campanha da Embratur 1973 II



Fonte: Alfonso (2006, p.88).

Frequentemente, as mulheres são alvos de campanhas de divulgação, a exploração de mulheres em campanhas de marketing é um problema muito comum em diversas áreas, desde a publicidade até a política. Essa exploração pode ocorrer de várias formas, tanto pela objetificação do corpo feminino, quanto à limitação do valor das mulheres a sua aparência física, o uso de imagens sexualizadas e estereótipos prejudiciais “imagem fixa e preconcebida

acerca de algo ou alguém. É o fundamento das crenças e dos preconceitos.” (JESUS, 2012. p28).

[...] o termo refere-se a crenças compartilhadas acerca de atributos – geralmente traços de personalidade – ou comportamentos costumeiros de certas pessoas ou grupos de pessoas. Mais especificamente, seja através de uma representação mental de um grupo social e de seus membros, ou de um esquema – uma estrutura cognitiva que representa o conhecimento de uma pessoa acerca de outra pessoa, objeto ou situação – tendemos a enfatizar o que há de similar entre pessoas, não necessariamente similares, e a agir de acordo com esta percepção. (RODRIGUES, 2000, 152).

Portanto, é importante a conscientização de todos sobre os efeitos negativos da objetificação feminina em campanhas de marketing e suas consequências.

CAPÍTULO 2 – CARNAVAL, ASSÉDIO SEXUAL E A IMAGEM DA MULHER BRASILEIRA COMO MARKETING TURÍSTICO DA FESTA: A CULPA NUNCA É DA VÍTIMA!

No Brasil, o carnaval já pode ser considerado identidade nacional, os turistas se destinam na intenção de curtir o período festivo, contando com diversas atrações culturais, micaretas, grandes desfiles e muita folia! Neste capítulo iremos apresentar um pouco da história, origem e tradição do carnaval no Brasil, mas desde já salienta-se que, colocar em evidência a história do carnaval não é o objetivo deste trabalho e sim contextualizar sobre o assédio sexual no âmbito das mulheres durante a época de comemoração do evento na cidade de Ouro Preto. Externando um pouco sobre a imagem da mulher no turismo, apresentando relatos e situações em que a questão do assédio ainda é vigente, argumentando a partir de leituras acerca do carnaval, violência contra a mulher, turismo sexual, marketing turístico e carnaval.

2.1. O carnaval no Brasil: uma breve contextualização

O carnaval é uma das festas culturais mais importantes que existe (VIEIRA, 2014), origina-se do latim "carne vale" e que significa dizer "adeus à carne". É uma festa completamente vinculada à história e à cultura brasileira, considerado um dos maiores eventos de rua do mundo, reúne turistas do mundo inteiro durante o seu período de comemoração, que antecede a quarta-feira de cinzas, unindo diversas culturas e classes. Vinda de uma festa cristã, tal entendimento é baseado na apreciação das suas músicas animadas, dos famosos desfiles de escolas de samba, da grandiosa e colorida alegoria e dentre os diálogos constantes entre o sagrado e mundano presentes na festa (ESTEVÃO-REZENDE, ALVES E VILLASCHI, 2018).

Embora o carnaval no Brasil seja comemorado com tanto entusiasmo, a festa não tem originalidade brasileira, mas portuguesa, Vieira (2014, p. 36) exprime que “do ponto de vista histórico, os carnavais brasileiros têm sua origem no carnaval lusitano trazido ainda no período colonial” no que se refere a uma festa conhecida como "entrudo", nome o qual era

denominado pela Igreja no período colonial como início da quaresma. Sua origem vem do latim "introitus" que tinha como significado "entrada", "começo".

O festejo carnavalesco denominado entrudo se estabeleceu no Brasil, ainda no período colonial, como resultado da presença portuguesa no território. A partir da Independência em 1822 buscou-se, além da construção política da nação, a superação de um modelo cultural ligado à antiga metrópole portuguesa, que naquele momento passou a ser associada ao atraso. Esta busca teria como consequência a crítica ao entrudo e a afirmação de novas formas de folia carnavalesca, associadas ao modelo francês de civilização (OLIVEIRA, 2010, p. 112).

Ainda, de acordo com Oliveira (2020), as autoridades do período colonial tinham o entrudo como uma festa “caótica e desorganizada”, devido aos seus costumes um pouco exagerados através de brincadeiras com o que eles denominavam “limões de cheiro”. Essas brincadeiras duravam pelo menos os três dias de carnaval, a prática era servida de arremessos de coisas sobre as pessoas como: cinzas, diversos tipos de pós, água, líquidos sórdidos e etc. Geralmente essa festa era praticada nos locais públicos mais pela população de classe baixa, e era conhecida como “festa popular”, sendo assim a única forma onde a classe pobre poderia aproveitar a folia. Já a classe elitista praticava a festa dentro de suas próprias residências e para com os seus familiares ou pessoas próximas, de forma mais harmônica e requintada e era conhecida como entrudo familiar.

Preparado com dias de antecedência, o entrudo familiar acontecia no interior das residências e envolvia toda a família, parentes e os amigos mais chegados. As bolas de cera tinham um lugar especial dentro da festa. Com o passar do tempo, passaram a ser chamadas de limões-de-cheiro e, dependendo do tamanho, laranjas-de-cheiro (OLIVEIRA, 2010, p.29).

O entrudo que já não era uma festa bem-vista pela sociedade, embora fosse uma forma de celebrar a época, não era considerado uma brincadeira saudável, mas algo bárbaro e perigoso, de certa forma, desrespeitoso, devido aos seus costumes e modo de prática, pois as pessoas se sentiam livres para comportar-se de maneiras vistas como inapropriadas e violentas. Conforme afirma Oliveira (2010, p.43) “o entrudo tinha os seus fiéis seguidores e praticantes, e era praticamente impossível ter carnaval sem ter guerra de limões e de água, o

que com certeza muito irritava os defensores do progresso”. Segundo Araújo (2011), as pessoas da classe mais alta, ou seja, a elite, tinham o costume de brincar entre si e entre as pessoas de seu convívio social. Com consentimento dessas mesmas pessoas, era permitido que lançassem água ou limões de cheiro em pessoas de classe mais desfavorecida que a deles ou em pessoas desconhecidas que passassem pela rua.

Ainda que houvesse várias tentativas das autoridades em acabar com o entrudo a “festa” persistiu até meados do século XIX (ARANTES, 2013). Conforme salienta Oliveira (2010), durante a década de 1840 na intenção de diminuir ou até mesmo dar um fim na prática do entrudo, a sociedade elitista começou a utilizar como referências as festas europeias, ou seja, os bailes de máscaras, que por sinal foram bem aceitos e logo depois foram para as ruas. Tudo isso se deve ao fato da busca de um “carnaval civilizado”.

O primeiro foi realizado no dia 22 de janeiro, promovido pela esposa do proprietário do Hotel Itália, localizado no Largo do Rocio, atual Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro. O sucesso foi tanto que se repetiu a festa em 20 de 5 fevereiro, já no período carnavalesco, com o seguinte anúncio: “baile de máscaras como se usa na Europa”. (GÓES,2002, p.4).

Em seu artigo, Oliveira (2010) retrata que o Rio de Janeiro foi responsável por sediar a grande luta que foi se obter um carnaval civilizado na finalidade de acabar com o entrudo e, ou demais tipos populares de carnaval. Posto isto, o envolvimento da população elitista por meio de desfiles de grupos carnavalescos contribuiu para o aumento da repressão policial contra o entrudo, pois não havia concorrentes que pudessem bater de frente com a elite. Sendo assim, este movimento acabou contribuindo para o então esperado fim do entrudo e com o passar do tempo, a festividade perdeu popularidade e foi dando espaço para outras formas de comemoração, como o carnaval.

Por meados do século XIX se deu o então carnaval que conhecemos hoje, com grandes festejos, cortejos, bailes carnavalescos, desfiles, blocos e etc. (ARANTES, 2013). Em seu artigo intitulado O CARNAVAL DE OURO PRETO: mercado e tradição (1980-2011), Mayor (2012), aponta que:

No início da década de 1980, as manifestações com maior expressividade eram, de fato, as escolas de samba e o bloco Zé Pereira dos Lacaio, retratado, quase sempre, como a mais antiga agremiação carnavalesca do país. Este bloco costumava abrir o primeiro dia dos festejos, para logo depois, darem-se início os desfiles das escolas (MAYOR, 2012, p.42).

O Brasil conta com grandes carnavais, as festividades variam de cidade para cidade, mas a tradição é celebrada com muita alegria e diversão. Alguns destes carnavais acontecem nos estados da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. De acordo com Arantes (2013), o carnaval do Rio de Janeiro é um dos mais conhecidos mundo afora, devido aos seus grandiosos desfiles de escolas de samba, que acontecem no sambódromo da Marquês de Sapucaí e reúne milhares de pessoas todos os anos.

O sambódromo - local onde há o desfile – inaugurado em 1984 e reformado para o Carnaval de 2012, tem capacidade de 72.500 lugares, que permitem arrecadação de bilheteria de R\$ 60 milhões. No Carnaval de 2011 cerca de 1 milhão de turistas (40% estrangeiros) foram para o Rio e gastaram R\$ 1 bilhão e 200 milhões. (ARANTES, 2013, p.6).

Assim como o carnaval carioca, o carnaval Paulistano também é marcado pelos seus grandes desfiles de escolas de samba. Goés (2002) completa que a influência dessa forma carnavalesca da capital paulista, se deu através do carnaval do Rio de Janeiro. Os desfiles são uma parte importante no carnaval de ambas as cidades, pois atraem milhares de pessoas, além disso, assim como outros carnavais, há diversos eventos musicais e festas temáticas por toda cidade. Durante o evento, as escolas de sambas competem entre si apresentando coreografias elaboradas, carros alegóricos coloridos, acompanhados de muita música e dança, essas apresentações também são transmitidas pela rede de televisão.

Mayor (2012) retrata que o Rio de Janeiro foi a principal influência para a grande mudança no carnaval, diante das inspirações que se deu devido aos modelos das festas europeias, segundo a autora, de acordo com bibliografia do carnaval brasileiro, a cidade do Rio de Janeiro foi a primeira a se inspirar nas festas europeias, causando alterações em seu carnaval e tornando-o diferente dos demais carnavais brasileiros, por tanto é considerada a melhor senão uma das mais importantes do país em relação ao carnaval.

O carnaval baiano é marcado pelos seus grandes trios elétricos, blocos de ruas e suas micaretas, além de possuir raízes africanas e indígenas, é uma das mais animadas e vibrantes

celebrações do país. Oferece muita alegria, danças, músicas e desfiles de blocos afro, contando com percussionistas e dançarinos que percorrem as ruas animando a multidão com sua musicalidade e seus famosos trios elétricos. Segundo Arantes (2013), essa forma carnavalesca (trio elétrico), foi consolidada na década de 1950 e teve como criadores Dodô e Osmar.

Santos (2007, p.65) afirma que em Salvador “existem basicamente três tipos de trios elétricos desfilando”, esses trios são considerados independentes por não terem nenhum vínculo se quer com instituições carnavalescas, embora seja necessário, os trios não contam com apoio de segurança ou algum tipo de proteção, é simplesmente aberto para que os foliões possam brincar e se soltar livremente na “pipoca”. Pipoca no caso, é considerado os foliões que não adquirem abadás para os principais trios, logo, fazem parte do grande grupo de pessoas que ficam de fora dos cordões que cercam os cercam, alguns destes trios podem ser denominados por:

Trio Expresso 2222, de Gilberto Gil, o Trio Independente de Daniela Mercury e o Pipocão, de Carlinhos Brown. Os do segundo tipo são os blocos alternativos, que desfilam entre a quinta-feira e o sábado de carnaval, com preços menores do abadá. O terceiro são os chamados blocos de trio. Para participar deles é necessário usar os abadás e adereços característicos de cada um. Os desfiles dos blocos de trio ocorrem principalmente no domingo, na segunda e na terça-feira (SANTOS, 2007, p. 66).

Em Pernambuco o carnaval é conhecido por sua animação alegre e colorida que é exibida nas ruas de Olinda e Recife, onde as festividades são realizadas, além de apresentar suas fantasias e adereços bem elaborados que são utilizados para representar personagens da cultura popular. O carnaval pernambucano é comandado pelo famoso frevo, dança típica e cultural do estado. Schneider (2011), detalha que a dança é caracterizada pela adesão à sua forma original e conseqüentemente enriquecida através da criação de novos passos musicais e da inclusão de adaptações instrumentais, que teve início ao final do século XIX. O frevo é uma dança com movimentos rápidos e animados, é realizada em grupo, com dançarinos vestidos com roupas coloridas e adereços como o guarda-chuva. Arantes (2013) completa que:

A música do frevo resulta da fusão de marchas, quadrilhas, maxixes, polcas, tangos, dobrados e galopes executados por bandas militares. A mistura fazia ferver a massa popular no meio das ruas, e foi dessa idéia de fervura (o povo

pronuncia frevura, frever etc.) que se criou o nome de frevo (ARANTES, 2013, p.18).

Acompanhando a tradição do carnaval pernambucano não podemos esquecer deles, os famosos bonecos gigantes, mais conhecidos como “bonecos de Olinda”. Os bonecos gigantes, são bonecos humanoides com cerca de 3 metros de altura, pesando aproximadamente 40 quilos (ARANTES, 2013). Estes bonecos saem para enfeitar as ruas durante o carnaval, são bastantes conhecidos por seu aspecto engraçado e caricato, estão presentes em todos os blocos de Olinda e Recife, muitos deles representam personagens da cultura popular, como artistas, políticos e personalidades famosas.

Os bonecos gigantes são aqui entendidos como objetos culturais utilizados pelas agremiações carnavalescas para construir narrativas e personalidades imortalizadas na memória coletiva, ou seja, são atribuídos a estes bonecos gigantes uma carga simbólica que move os foliões nos dias de folia. (SILVA FILHO, 2019, p.2).

Já o carnaval mineiro, é conhecido também por sua animação, música alegre e danças típicas. Carrega consigo um pouquinho de cada forma carnavalesca citada nos parágrafos anteriores. A culinária típica mineira também é uma atração à parte, oferecendo grandes variedades de comidas e bebidas para os participantes da festa. O carnaval de Minas Gerais é uma celebração da cultura e da alegria mineira, um dos seus principais carnavais, mais animado e colorido, se encontra na cidade de Ouro Preto. Conhecido pelos seus blocos de ruas e pelas grandes festas republicanas, o carnaval ouropretano é uma oportunidade para as pessoas desfrutarem da alegria e da cultura da cidade, conta também com desfiles de escolas de samba, apresentações de blocos de rua republicanos e da região, apresentações musicais e muito mais, oferecendo uma experiência única de diversão e entretenimento do carnaval universitário para os foliões presentes.

Diante da breve contextualização sobre o carnaval, é importante frisar que o carnaval é considerado uma das festas culturais mais importantes que existe e reúne turistas de todo canto do mundo. É uma tradição festiva que ocorre em muitos países por sua animação e descontração, porém, infelizmente o carnaval é um dos principais intercessores na questão do assédio sexual, tudo isso mediante ao pensamento enraizado que a sociedade carrega em que no carnaval “se pode tudo”. À vista disso, no atual cenário da sociedade muito já se discutiu a questão do assédio sexual nesta época do ano, assunto bastante polêmico e que até hoje perpetua em nosso cotidiano.

2.2 – Assédio sexual no âmbito do carnaval

O assédio sexual é configurado como uma forma de violência que pode incluir atitudes ou comportamentos inadequados de natureza sexual, como comentários ou atitudes sexualmente ofensivas ou intimidatórias, sendo elas físicas, verbais ou não-verbais sem o consentimento da pessoa afetada. Quando falamos sobre assédio é notório relacionarmos às mulheres, embora não seja algo tão comum, o assédio sexual pode também ser endereçados à diferentes gêneros. Entende-se também que essa conduta pode ser determinada quando a vítima se sente constrangida e incomodada, podendo acontecer em diversas situações, incluindo no local de trabalho, na escola, em espaços públicos, em relacionamentos íntimos e até mesmo no contexto online.

De acordo com Pamplona Filho (2020, p. 23), o assédio sexual é tido como uma “doença social muito antiga”, em que a vítima, sendo homem ou mulher (que por maioria das vezes é mulher) passa por situações inoportunas podendo causar constrangimentos ou até mesmo grandes danos, tanto físicos, quanto emocional. Em contrapartida, pode-se dizer que o termo “doença social” é um tanto quanto problemático a ser usado para caracterizar o ato inoportuno de um assediador, partindo que o mesmo tem total ciência das consequências de sua prática e a faz. Assim é de fundamental relevância destacar que o assédio é, assim, uma expressão social que está vinculada ao machismo, conseqüentemente, falar em doença social pode suavizar a conduta de um agressor ou retirar sua responsabilidade da situação.

Desafiar e mudar as normas culturais em torno do machismo é importante para promover a igualdade de gênero e criar uma sociedade mais justa e equitativa. À vista disso, aqui seguiremos a ideia da autora Dias (2008, p.14) que valida a definição de que o assédio sexual trata “de um domínio em que prevalece a diversidade de definições e em que as classificações existentes recobrem um vasto espectro de experiências, que vão desde o abuso verbal ao assalto sexual”. Dias (2008, p.16) ainda completa que “o assédio sexual é psicológica e emocionalmente perturbador para as vítimas. É sentido como uma perda da dignidade e da confiança dos outros. Provoca depressão e comportamentos autodestrutivos. Suscita o sentimento de desânimo e de abandono”.

Portanto, é considerado que o assédio pode acontecer em forma de suborno, situações essas que podem ocorrer em grandes/pequenas empresas, principalmente quando a vítima se encontra em uma subalterna ao assediador, da forma que este, usa de chantagens e ameaças para oprimi-la, exigindo relações sexuais em troca de algum tipo de benefício, seja material

ou imaterial, exemplo: emprego, bens materiais (como joias, roupas e sapatos), promoção, manter uma boa relação de convivência, etc. Podem ocorrer ainda em escolas, universidades, na intenção de se obter uma nota melhor e dentre outros. E por vezes, as pessoas que não se submetem ou são coniventes com situações como as citadas anteriormente, acabam prejudicadas.

É importante lembrarmos que o assédio sexual é crime e pode levar a várias consequências tanto legais quanto pessoais para aqueles que o praticam. Segundo o **Art. 216-A**. do Código Penal, é assegurado que o assédio sexual se constitui em: “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”.

O Brasil historicamente é constituído também pelo machismo estrutural que faz com que as mulheres, por mais que lutem pelo seu direito de igualdade, ainda sejam inferiorizadas em relação aos homens. A sociedade brasileira perpetua e reitera preconceitos que impedem a mulher de usar determinado tipo de roupa ou ter determinadas atitudes, como por exemplo o uso de bebidas alcoólicas (que se fosse feito por homem era considerado normal) sem serem julgadas ou sofrer algum tipo de assédio.

Sabemos que, culturalmente, o machismo imprime a noção de que a mulher existe para satisfazer o homem, para seu prazer sexual, seu entretenimento e dentre outros, ou seja, que a mulher existe para ser submissa e o servir. Ideais que ainda perpetuam, não só para os homens, mas algo que nos fora ensinado de que o homem tende a ser mais forte, mais importante e mais controlador que a mulher, sendo assim, por sentimento de inferioridade muitas vezes a vítima (no caso a mulher) se complica em tentar compreender até que ponto está ou não sendo desrespeitada por um assediador. Que mulher nunca passou por uma situação de assédio, não é mesmo?!

Conforme Oliveira (2018), as mulheres desde cedo tendem a viver contra os olhares masculinos, já aprendem desde criança a não usar roupas que possam chamar atenção deles, se privar de certos tipos de comportamentos. Hipoteticamente, considera-se que se fosse realizada uma pesquisa com todas as mulheres da sociedade (o que é impossível), mas pelo menos com uma boa porcentagem delas, seria possível colher relatos de que, grande parte da população feminina se não toda ela, já sofreu antes dos 18 anos ou ainda sofre por algum tipo

de abuso sexual. De acordo com a pesquisa realizada pelo jornal Datafolha (2017), 42% das brasileiras de 16 anos ou mais já sofreram algum tipo de assédio sexual.

Por muitas vezes o assédio é justificado pelo assediador pelo uso da vestimenta da vítima, quando na verdade está longe disso, pois a importunação sexual não tem nada a ver com o comportamento ou maneira de se vestir da vítima, já é algo mais relacionado com o caráter de quem o pratica, ou melhor, a falta dele.

É assegurado no Art. 215-A do Código Penal que:

Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro”. Ou seja, qualquer ato inoportuno sem consentimento da vítima é caracterizado como assédio, sob pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o ato não constitui crime mais grave.

Infelizmente, a questão do assédio sexual é um grande problema o qual as mulheres enfrentam todos os dias em seu cotidiano. Nem sempre o assédio se trata somente do contato físico, pode ser também através de algum ato/gesto obsceno ou alguma “piadinha” pronta. Qual mulher nunca escutou aquele “fiu-fiu, ôh lá em casa?” Ou frases inconvenientes com contextos sexuais, seja em casa, no trabalho, nos transportes, andando pelas calçadas, passando perto de alguma obra ou em algum evento/espço público e etc. Situações na qual, inúmeras vezes a vítima se sente constrangida e começa a se questionar o porquê daquilo, quando também, atrelados a ele ou na intenção de evitar o constrangimento estão atos como: evitar certos tipos de roupas, mudar de calçada quando perceber algum incômodo, o meio de transporte e até mesmo se atentar aos olhares arredores e o que podem representar. Lamentavelmente tudo isso acontece devido ao medo de sofrer o assédio, de voltar a atenção para si e correr o risco de ter seu corpo violado ou sua intimidade invadida.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e pelo Instituto Locomotiva, com o apoio da Uber e apoio técnico e institucional da ONU Mulheres (Out//2021, s/p.), “7 em cada 10 mulheres já receberam olhares insistentes e cantadas inconvenientes em seus deslocamentos, 35% já sofreram importunação/assédio sexual e o mesmo percentual enfrentou furtos/assaltos”. Partindo do contato físico, o assédio pode também acontecer no ônibus, quando o assediador usa de má fé para tocar na vítima sem seu consentimento, em muitos casos até mesmo esfregando seu órgão genital nela, dados de

pesquisa também realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e pelo Instituto Locomotiva, com o apoio da Uber (Fev/2019, s/p.) informam que “97% das mulheres que foram participantes afirmaram já ter sido vítimas de assédio em meios de transporte e 71% conhecem alguma mulher que já sofreu assédio em algum espaço público”.

Por inúmeras vezes o assédio acontece de forma hostil, onde o assediador por sua vez utiliza até mesmo da força física para oprimir a vítima e isso pode acontecer de forma individual ou em vastos grupos, em eventos com o famoso “beijo roubado”, puxões de cabelo/braço ou com frases como “então me dá só um selinho” e dentre outros.

Situação similar aconteceu comigo: estava em um evento de casamento, onde exercia função de recepcionista, no momento em que estava entregando os bem casados ao final da festa, *fui surpreendida por um amigo e convidado do noivo, o mesmo partiu para cima de mim com dizeres “não quero somente o bem casado, quero saber o que mais ele irá nos proporcionar”, no exato momento de constrangimento, me afastei e o ignorei, quando o assediador novamente veio para cima de mim de forma hostil cheirando meu pescoço, eu já irritada, me esquivei novamente e o pedi que afastasse em um tom de voz mais alterado, quando não satisfeito o mesmo voltou me dando outro cheiro no pescoço, momento esse em que eu me exaltei e “enfiei a mão” na cara dele pedindo-o que me desse licença, num tom já completamente alterada.* Ou seja, ações como essa só tornam mais evidente o quanto a culpa nunca é da vítima e muito menos justificado pelo traje usado pela mesma, pois, eu me encontrava de terno, totalmente coberta e exercendo a função de recepcionista sem oferecer nenhuma condição para o mesmo ou qualquer outro fazer o que fez.

Embora o assédio seja algo tão recorrente, que acontece todos os dias no nosso cotidiano, no carnaval as vezes ele se torna algo banal, devido ao rótulo que pregam que no carnaval se pode “tudo”. O carnaval é frequentemente associado a uma atmosfera descontraída e permissiva, mas isso nunca deve ser uma desculpa para o assédio sexual! Pinheiro (2017) aponta o fato da mulher que frequenta o carnaval ainda ter que conviver com o discurso de estar ciente dos riscos e consequências advindas deste e acabar se sujeitando a aceitar, tendo que muitas vítimas acabam deixando de fazer denúncias a respeito, por medo ou até pelo fato de se questionarem sobre a veracidade dos fatos. É no carnaval que diversas mulheres aproveitam para se “libertar” dos preconceitos, usam e abusam de trajes dos mais simples aos mais ousados, só que por muitas vezes em decorrer dessa “ousadia”, do

machismo estrutural e da falta de caráter de uns, isso acaba se tornando um grande problema, pois tem aqueles que entendem que a roupa acaba sendo um convite para o assédio.

Segundo o jornal Diário do Nordeste (2022), no carnaval do ano 2022 a influenciadora e ex-bbb Viih Tube, alegou ter sido vítima de assédio sexual ao sair do camarote na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, a influenciadora trajava uma fantasia inspirada em chocolate. Ela relata que "Gente fui sair do camarote, perdi as contas de quantas mãos estavam tocando nas minhas partes íntimas, fiquei mega desconfortável, juro, tô travada ainda". (DIÁRIO DO NORDESTE, 2022, s/p.)

Casos como este da influenciadora e ex-bbb são recorrentes durante esta época, principalmente no carnaval do Rio de Janeiro, que é referência do Brasil no exterior, por possuir uma imagem já enraizada da mulher associando-a a festas e sensualização, onde acontecem grandes desfiles com "belas mulheres sambando seminuas", fortalecendo o estereótipo sexualizado da mulher brasileira (BASTOS, 2021). De acordo com o site catraca livre (2019), foi feito um levantamento de dados (Dados exclusivos da Secretaria Estadual da Segurança Pública de São Paulo - SSP) com base nos boletins de ocorrências da polícia civil durante o período de carnaval do ano de 2018.

Esses dados apontam que aconteceram 571 crimes sexuais em todo o estado de São Paulo, totalizando em média 81 casos por dia durante os 7 dias de carnaval, incluindo crimes de estupros, estupros de vulneráveis, atos obscenos e assédio. O site conta também com relatos de vítimas de assédio durante o carnaval nos estados de Rondônia, Rio de Janeiro e São Paulo, conforme relato a seguir: "O cara me segurou, enfiou a mão por baixo da minha saia e começou a me tocar. Eu não conseguia fazer nada além de gritar porque dois amigos deles me seguravam e um tampava a minha boca. Eles iam revezando pra ficar me tocando." (Relato de vítima de assédio, CATRACA LIVRE, 2019, s/p.).

Na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, no ano de 2019 de acordo com o jornal Voz Ativa e Estado de Minas (2019), foi registrada uma denúncia de caso de estupro em uma república estudantil na cidade. "Tive um apagão e quando acordei notei que estava sem as minhas roupas íntimas" relatou a vítima ao jornal (VOZ ATIVA, 2019, s/p.). A vítima contou que fez o uso de bebidas alcoólicas durante o evento e que quando acordou, se deparou despida, no mesmo momento indagou dois homens que se encontravam no local o porquê de estar nua, quando estes responderam que ela havia mantido relação sexual com um de seus amigos. Em depoimento à Polícia Civil, a mulher relatou não se lembrar de nada e que a

relação sexual havia sido consumada sem seu consentimento, até então acredita-se que o caso segue sob investigação.

Com base nas abordagens, relatos e dados apresentados nos parágrafos anteriores, podemos concluir que acontecimentos como estes só reforçam o quanto as mulheres são inseridas neste cenário de erotização e sujeitas a passarem por situações em que, qualquer tipo de roupa que possa expor mais o seu corpo ou a falta dela, é visto como um convite para que possam ser vítimas de assédio sexual. Essa realidade expõe a vulnerabilidade das mulheres em um cenário social que ainda não proporciona segurança e proteção adequadas contra o assédio e a violência de gênero.

Em imagens publicitárias da década de 70 e 80 divulgadas pela Embratur e apresentadas em seu artigo, Bastos, (2021) argumenta acerca da objetificação da mulher em forma de atrativo turístico com a finalidade da divulgação do carnaval, situações que acabam contribuindo para a vinda de turistas ao Brasil, assunto este, que no decorrer da pesquisa serão abordados em relação ao carnaval de Ouro Preto.

2.3 – O uso da imagem das mulheres enquanto produto de marketing do carnaval no Brasil

A construção do imaginário do uso da mulher como produto é uma prática comum na publicidade e mídia em geral, na qual o corpo feminino é utilizado como um objeto de desejo para vender produtos ou serviços. É de conhecimento geral sempre vemos a imagem da mulher vinculada a algum tipo de campanha publicitária, mesmo que o produto em questão não esteja diretamente relacionado com o público feminino. Essa prática se dá por meio de uma estratégia de marketing voltada para atrair um público alvo, que predominantemente por sua maioria são os homens heterossexuais

Este tipo de comunicação pode induzir as mulheres a se sentirem pressionadas em conformidade aos padrões estéticos intangíveis impostos pela mídia, bem como reforçar a ideia do corpo feminino como objeto a ser utilizado para agradar aos homens. Um dos exemplos mais recorrentes dessas campanhas publicitárias, se encontram nas publicidades de marcas de cerveja, como ilustrado pelas figuras 11 e 12 apresentadas a seguir:

Figura 11: Campanha de divulgação da Itaipava



Fonte: Belmiro, de Paula,
Laurindo e Viana (2015, p. 11)

Figura 12: Campanha de divulgação da Itaipava



Fonte: Belmiro, de Paula,
Laurindo e Viana (2015, p. 11)

As imagens apresentadas nas figuras 11 e 12, são imagens de campanhas de cerveja da marca Itaipava, que de acordo com o artigo intitulado “Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava.” (BELMIRO, DE PAULA, LAURINDO E VIANA, 2015), foram retiradas de circulação devido aos seus conteúdos apelativos, dentre estas, outras imagens de campanhas como a imagem exibida na figura 13 da marca Devassa, também saíram de circulação.

Figura 13: Campanha de divulgação da devassa Devassa



Fonte: Belmiro, de Paula,
Laurindo e Viana (2015, p. 12)

Com base no que foi abordado e na apresentação das imagens anteriores, nota-se a importância de retirarem de circulação essas campanhas, pois, a questão da exposição da mulher em publicidades principalmente com cunho sexual, pode contribuir para a objetificação e sexualização da mulher, sendo prejudicial não só para as mulheres que são alvos dessas campanhas, mas para a sociedade como um todo. Posto que reforça estereótipos

de gênero e perpetua desigualdades entre homens e mulheres, além de fomentar a cultura do assédio e da violência sexual.

Em uma entrevista à Folha de São Paulo, Bento (2007) apura sobre a violência repetitiva em relação às mulheres frente a comerciais de cerveja e que com raras exceções as estruturas dessas campanhas comerciais nunca mudam, sempre “a mulher desnuda, cerveja gelada e o homem ávido de sede” (s/p.). Diante do que foi abordado anteriormente, Silva e Araújo (2017) consideram mais uma vez que as marcas de cervejas só reforçam o estereótipo sexualizado do corpo da mulher, em que a imagem da mulher é inserida no espaço masculino a modos de seduzi-los e servi-los aos seus desejos.

A presença de mulheres em divulgações tem sido um tema controverso e amplamente discutido nos últimos anos. Há quem diga que a utilização de imagens sexualizadas de mulheres em anúncios perpetua estereótipos e objetifica as mulheres, enquanto outros acreditam que a presença de mulheres em tais anúncios podem ser vista como uma forma de empoderamento feminino.

Dependendo dos recursos escolhidos para a elaboração dos anúncios, uma publicidade pode se tornar “objetificadora” ou “empoderadora”, visto que, enquanto prática discursiva, a publicidade é responsável pela difusão de modelos de comportamento através das representações, que podem ser vistas como positivas ou negativas pelo público (BAYONE E BURROWES, 2019, p.26).

No entanto, é importante lembrar que a representação de mulheres em demais publicidades não é uma questão simples, há muitos fatores que devem ser considerados, como a forma na qual as mulheres são retratadas e o contexto em que as imagens são utilizadas. Um dos exemplos mais evidentes, da utilização de imagens de mulheres para a divulgação, é o carnaval. Segundo Rosa (2018, p. 42), nesse caso é comum a exposição de “corpos femininos amostra e esbanjando feminilidade permeiam o imaginário”. Imaginário este, o qual as mulheres estão sempre com poucos trajes, o que acaba inserindo-as em uma posição de inferioridade, em que são julgadas como “mulheres fáceis”, ocasionando muitas vezes serem assediadas e violentadas. Este fato também se dá, devido ao pensamento da sociedade sobre o carnaval ser uma época de libertinagem.

Infelizmente, as mulheres enfrentam desafios e estereótipos em relação à sua representação e objetificação durante as divulgações de eventos, tanto na mídia quanto nas festividades em si. As imagens utilizadas para essas divulgações, retratam mulheres seminuas,

com corpos idealizados e em poses sexualizadas, reforçando a ideia de que as mulheres são apenas objetos de desejo masculino o que acaba contribuindo para a cultura do estupro.

A seguir, na figura 14 podemos ver imagens extraídas da internet apresentando antigas imagens da divulgação do carnaval pela rede globo, em que todo ano era escolhida uma linda mulher negra para representação do carnaval.

Figura 14: Imagens da evolução da Globeleza



Fonte: Site da Veja

Quem observa essas imagens logo de cara já identifica e reconhece a "Globeleza", que foi um ícone cultural popular brasileiro, personagem criado pela Rede Globo (umas das maiores redes de televisão do Brasil) “para protagonizar as icônicas vinhetas da emissora para o início do tão esperado carnaval no país” (BASTOS, 2021, p.2). A personagem era uma dançarina de samba que aparecia com tinta corporal colorida e roupas mínimas (ou quase nenhuma), muitas vezes acompanhadas por um desfile de dançarinos e músicos. O que cruza não apenas uma questão de gênero, mas de raça (ROSA, 2018).

A imagem da “mulata” Globeleza é constantemente associada a um corpo exuberante e sensual, o que contribui para a hiper sexualização da mulher negra. É também uma construção que reforça a hierarquia racial presente na sociedade brasileira. O uso da imagem da mulher negra como símbolo da miscigenação racial brasileira, serve para reforçar a ideia de que a mistura entre raças é algo positivo e que contribui para a formação da identidade nacional. No entanto, essa construção esconde a violência da escravidão e do racismo que foram responsáveis pela formação da população brasileira.

O poder simbólico que a personagem Globeleza possui está tanto exibido nela como além dela e a indústria da mídia – neste caso a Rede Globo – contribui para a sua exploração anualmente; com traços racistas e escravocratas sendo executados de maneira sutil durante suas programações (BASTOS, 2021, p.14)

A imagem da Globeleza também é vinculada à ideia de que a mulher negra é sempre feliz, sorridente e disponível para o prazer masculino. Essa imagem reforça a submissão da mulher negra ao homem e a sua objetificação sexual. Vale ressaltar, que a construção da imagem da “mulata” Globeleza é problemática por reforçar estereótipos de raça e gênero que contribuem para a manutenção da desigualdade e da discriminação na sociedade brasileira. A personagem se tornou uma figura controversa, seguida de críticas relacionando-a como algo que perpetua estereótipos sexistas e racistas, com isso ao longo dos anos, mudanças na exibição da personagem foram feitas através de grandes rumores envolvendo “objetificação feminina, pressão estética e racismo” (LUIS, 2023, s/p.). Essas mudanças aconteceram em busca da representatividade e diversidade, acrescentando-lhe roupas proporcionando menos exposição do corpo (ROSA, 2018) como mostra a última versão da globeleza apresentada na imagem acima e utilizando tipos de corpos diversos, além de sua apresentação em ambientes culturais mais diversos. No entanto, essa mudança não foi o suficiente para manter a personagem em evidências na telinha da televisão, pois a questão da objetificação da mulher ainda é vigente e cada dia mais ganha espaço nas discussões, ressaltando que além da objetificação, uma das críticas também se relacionava ao racismo, pauta esta que segue sendo valorizada cada dia mais.

A Globeleza já vinha mudando nos últimos anos à luz do debate público sobre temas como objetificação feminina, pressão estética e racismo. Criada pelo designer Hans Donner no início dos anos 1990, a vinheta ficou famosa pela ousadia de exibir anualmente uma mulher nua dançando sem pudores nas telas da maior emissora do país. Foi só em 2017 que a musa passou a sambar vestida. (LUIS, 2023, s/p.).

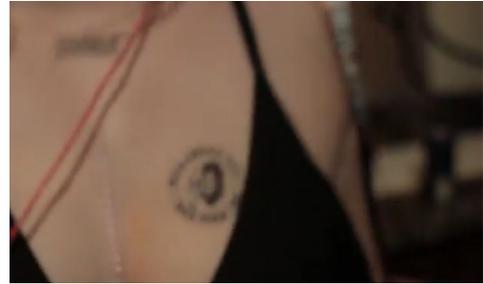
Dando continuidade ao assunto, mesmo que velado é possível extrair diversas imagens do corpo da mulher sendo sexualizado em forma de divulgação das festas atrativas do carnaval. Analisamos quatro vídeos diferentes de divulgações dos carnavais das repúblicas estudantis de Ouro Preto, dentre eles foi possível recolher algumas imagens que apresentavam partes de corpos de mulheres que eram expostos em meio às filmagens, à seguir alguns *prints* delas:

FIGURA 15: Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto



Fonte: Youtube, 2019

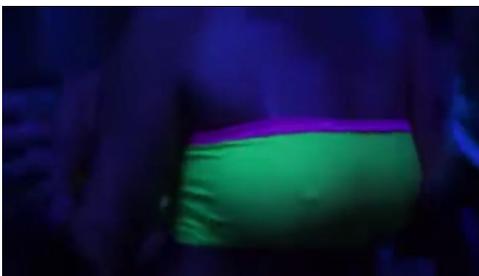
FIGURA 16: Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto



Fonte: Youtube, 2019

Podemos observar na figura 15 e 16 imagens extraídas do primeiro vídeo a ser analisado, que exibem tatuagens do carnaval a ser divulgado, porém, a quem assiste o vídeo consegue decifrar que foco principal não é exibir as tatuagens e sim dar ênfase nos seios das mulheres que participam destes eventos.

FIGURA 17: Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto



Fonte: Youtube, 2018

FIGURA 18: Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto



Fonte: Youtube, 2018

As figuras 17 e 18, imagens extraídas do segundo vídeo analisado, trazem praticamente o mesmo objetivo das figuras 15 e 16 apresentadas anteriormente, onde em meio às filmagens, o foco está nos seios das mulheres, inclusive, a figura 17 nos chama muita atenção ao notarmos que na imagem exibida a mulher está com os “faróis aceso”, termo este utilizado de forma erotizada para dizer que a mulher está excitada, além disso o vídeo não apresentou outras imagens de outras partes do corpo da mesma, ou seja, essa imagem só comprova o foco na sexualização. Agora fica o questionamento, qual a finalidade de exibir uma filmagem desta em um vídeo de divulgação de carnaval se não a de sexualizar a mulher e atrair para tais festividades sobretudo homens heterossexuais?

FIGURA 19: Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto



Fonte: Youtube, 2018

Seguimos aqui com a imagem da figura 19, ainda do segundo vídeo de divulgação, podemos notar que o foco desta vez foi na exibição dos glúteos.

FIGURA 20: Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto



Fonte: Youtube, 2019

FIGURA 21: Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto



Fonte: Youtube, 2019

Aqui, as imagens das figuras 20 e 21, extraídas do terceiro vídeo exibem glúteos e seios, com a mesma “maquiagem” das figuras 15 e 16, exibindo tatuagens da divulgação do carnaval, porém seu objetivo real é explícito que não é dar ênfase nas tatuagens e sim nos seios e glúteos.

FIGURA 22: Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto



Fonte: Youtube, 2023

FIGURA 23: Print de vídeo de divulgação do carnaval de Ouro Preto



Fonte: Youtube, 2023

Por fim, no último vídeo analisado, as imagens das figuras 22 e 23, apresentam mulheres dançando e exibindo seus bumbuns de forma sensual. Ao analisarmos a figura 22 pode-se extrair um contexto de cunho sexual, a legenda “alimentação” da imagem, constrói um tipo de narrativa sexual, pois associa a ideia de alimentação (do comer), do ato de comer ao corpo das mulheres que estão sendo expostas no vídeo, contribuindo para o imaginário de que a mulher está ali para ser “consumida”. Por muitas vezes pequenas situações como essas acabam passando despercebidas, sendo assim, se a real intenção era divulgar a oferta de alimentação inclusa nos pacotes das festas, a forma mais adequada seria que a legenda estivesse inserida no contexto da exposição do tipo de alimentação a ser ofertada e não imagens de mulheres dançando sensualizando, como isso não é feito, podemos dizer que a situação só constrói e ajuda a afirmar, reiterar a narrativa apresentada.

Com base no questionário aplicado via google forms, foi perguntado qual a percepção das mulheres entrevistadas em relação ao uso de imagens, principalmente, de mulheres no marketing dos blocos de carnaval em páginas das redes sociais como por exemplo o instagram? Com isso, apresentamos uma imagem ilustrativa de mulheres frente a divulgação de blocos de carnaval. Sendo assim, logo a seguir será apresentado percepções das mulheres que participaram do questionário em relação ao uso da mulher como produto em campanhas de divulgação de blocos de carnaval, esses relatos serão apresentados em blocos:

Participante 01: Acho que coloca a mulher como atração principal do bloco, ou seja, objeto, coisa e objetivo a ir ao bloco. O marketing de bloco nas redes sociais tem mais mulher do que os próprios artistas que estarão lá. O intuito realmente parece ser valorizar uma beleza irreal das mulheres, um padrão explícito, uma produção imensa para que homens que tomam, no máximo, um banho e tiram a camisa antes de ir possam tirar proveito da festa.

Participante 02: Não faz diferença se uma mulher se mostra como ela quiser. Mas se deve ter cuidado se uma empresa de marketing faz da mulher de um objeto que pode ser comercializado, pois a mulher não é um objeto.

Participante 03: Apelativa, sempre em propagandas de eventos a mulher é colocada para gerar interesse e prazer, apelando pela imagem, corpo, decotes...

Participante 04: Acho que tem muita gente por trás dos perfis que usa as imagens das mulheres para atrair um público mal-intencionado, exceto por alguns casos.

Participante 05: De que a mulher acaba sendo usada como um "atrativo" para os homens no carnaval.

Participante 06: Se for autorizado, não vejo problema, já estamos acostumados a fazer "cardápios de gente" de qualquer forma, então não faz tanta diferença.

Participante 07: Usam a imagem das mulheres talvez para atrair mais pessoas para o evento, geralmente quem vai por esse sentido são homens..

Participante 08: Usando o corpo da mulher como marketing

Participante 09: Tenho a impressão de que os anúncios optam por divulgar os blocos com imagens majoritariamente de mulheres e com poucas roupas por acreditar ainda que este seja o principal atrativo da festa, ou seja, mulheres como objeto e não como clientes e pessoas que vão também para se divertir. Acredito que isso também não seja culpa das mulheres que vão para os blocos para se divertir e aproveitar o carnaval do modo que bem quiserem e acharem melhor pra si mesmas, mas sim de uma construção social sobre a festa e principalmente sobre o Brasil e mais geral sobre as mulheres Latino americanas de serem abertas a qualquer relação sexual, "faceis"...(sic)

Participante 10: O uso de mulheres nas divulgações é uma estratégia muito utilizada em eventos para "atrair" o público masculino para o evento. Infelizmente, já é algo inserido na cultura de eventos, como podemos ver em páginas de boates, festas, etc.

Participante 11: Acredito que o uso de mulheres, fantasias, bebidas gera uma ideia mercadologica errônea da figura feminina nestes espaços. Como se nos mesmas fossemos produtos a serem adquiridos a qualquer modo nestes espaços. Quando a nossa liberdade de vestir, agir, se divertir apenas é a tributada juntamente a "propagando" indiscriminada da nossa imagem cria esse estereótipo errôneo. Acredito que ainda temos que debater muito sobre nossa segurança e a quais associações os eventos usam a figura feminina. (sic)

Participante 12: Eu acho que o grande intuito dessas mulheres é mostrar liberdade, usando roupas mais livres, mas nem sempre a informação é passada dessa forma, e muitos se aproveitam para fazer um marketing em cima disso.

Participante 13: Acredito que o marketing precisa usar imagens que representem o Carnaval, desde que essas imagens não difamem o grupo ali representado.

Participante 14: Infelizmente são utilizadas no intuito de atrair mais homens para o evento, pois homens bebem mais, então geram mais lucro.

Participante 15: Despertar motivação, compra e interesse a partir do apelo sexual.

Participante 16: Visto que o mundo gira em torno de um machismo estrutural, entendo que as fotos de exibição de carnaval e demais folias, não seja do corpo feminino liberto (emponderamento) ou para que atraia essas mulheres que estão sendo retradas e sim para que homens compre esses

blocos a fim de dizer a eles que é isso que eles terão se forem a tal lugar, como um convite. (sic)

Participante 17: São imagens que colocam mulheres em evidência como se fosse um produto.

Participante 18: Vendendo a imagem da mulher fácil, disponível.

Participante 19: Mercantilização, objetificação e legitimação do abuso ao corpo da mulher.

Participante 20: Péssimo

Participante 21: Utilizando da imagem das mulheres pra chamar mais pessoas pros blocos.

Participante 22: As mulheres são colocadas como atrativos, como se fizessem parte do combo dos blocos.

Participante 23: marketing sexual do corpo feminino

Participante 24: Venda do corpo da mulher como atrativo. (TRABALHO DE CAMPO, 2023)

Em análise dos relatos, este primeiro bloco é retratado com base na questão do marketing. Com base nos relatos das participantes, fica evidente que a imagem da mulher é utilizada como um produto de divulgação dos blocos de carnaval, sendo vista como um atrativo para chamar a atenção do público e aumentar a adesão aos eventos. As participantes afirmam que as mulheres são colocadas como parte de um "combo" dos blocos, em que seu corpo é utilizado como um produto de venda.

Há também uma crítica em relação ao marketing sexual do corpo feminino, em que a imagem da mulher é explorada de forma sexualizada e objetificada para atrair mais pessoas aos eventos. Além disso, algumas das participantes apontam que, embora muitas mulheres que participam do carnaval o façam para expressar sua liberdade e usar roupas mais livres, nem sempre essa informação é transmitida dessa forma, e muitos se aproveitam para fazer um marketing em cima disso.

Participante 25: Considero apelativa em partes.

Participante 26: Só contribui para o machismo.

Participante 27: Desde sempre a imagem do carnaval é associada a mulheres com pouca vestimenta, mas isso não é um motivo para os crimes sexuais acontecerem.

Participante 28: Horrível, sexualizam a imagem da mulher, dando abertura para estes crimes.

Participante 29: Acho exagerada e sexualizada.

Participante 30: Se tiverem sexualidade acho ridículo, depende do uso da imagem, o certo seria só estar representando pessoas curtindo o carnaval.

Participante 31: O uso de imagem de mulheres colaboram com imaginário da cultura do estupro. (sic)

Participante 32: Poderiam ser homens também.

Participante 33: Reforçam estereótipos de corpo e de "trajes que devem ser usados" que passam a impressão de permissividade QUE NÃO HÁ!.

Participante 34: Péssima.

Participante 35: Quando usa apenas o corpo feminino para a divulgação, me sinto incomodada.

Participante 36: Acho bem desnecessário, só reforça a ideia de que mulher é objeto. Não gosto disso. É muita forçação de barra.

Participante 37: Infelizmente, a sociedade como patriarcado nos submerge a certas situações, onde muitas vezes, mulheres acabam sendo vista como apenas objetos. A maldade esta no olhar do indivíduo! (sic)

Participante 38: Invasivo.

Participante 39: essas atitudes sexualizam ainda mais as mulheres.

Participante 40: Machismo.

Participante 41: sexualização da mulher no carnaval

Participante 42: Errado, essas imagens tem o objetivo de atrair o público masculino através da sexualização do corpo da mulher.

Participante 43: Faz um fetiche com as mulheres.

Participante 44: Sexualizador.

Participante 45: Machista.

Participante 46: Desnecessário.

Participante 47: É a completa sexualização do corpo feminino, em prol de atrair mais público para os eventos.

Participante 48: Péssimo.

Participante 49: Sexismo, quando só se usam mulheres. (TRABALHO DE CAMPO, 2023).

Dando continuidade, o segundo bloco retrata a questão da sexualização. Percebe-se que algumas participantes destacam que a prática da sexualização pode reforçar estereótipos de corpo e de “trajes que devem ser usados”, que passam a impressão de permissividade que na realidade não existe, colaborando para o imaginário da cultura do estupro. Além disso, há relatos de que a imagem da mulher como produto de divulgação pode fazer com que elas sejam vistas como apenas objetos, colaborando para a perpetuação da violência contra mulheres.

As participantes também apontam que o uso da imagem da mulher como produto de divulgação não é algo exclusivo do carnaval, mas sim uma prática comum na sociedade em que vivemos. Dessa forma, há uma preocupação em relação ao impacto que essa prática pode ter na construção da imagem da mulher e na forma como ela é vista e tratada pelos homens.

Participante 50: As vezes me parece um apelo a prostituição, abusos e objetificação dos nossos corpos. Vi chamadas de bloco com mulheres "de calcinha" rebolando, beijando outras pessoas, com roupas seminuas. Temos direito a tudo isso, o que não é certo é expor mulheres como apelo para o bloco. E principalmente, não se coloca imagens de homens fazendo as mesmas coisas (independente da sexualidade).

Participante 51: Minha percepção é de que funciona como um estímulo para esse senso comum de que o carnaval é época de libertinagem e portanto é mais permissivo ao acesso a esse corpos. (sic)

Participante 52: Um absurdo o carnaval está ligado a todos, não só as mulheres e seus corpos.

Participante 53: Demonstra um objetificação do corpo feminino, o que não ocorre com o corpo masculino.

Participante 54: Considero o uso abusivo, por não haver um equilíbrio na seleção das imagens entre homens e mulheres, priorizando as mulheres como se fossem parte da oferta ali feita e, principalmente, focando em atributos físicos que só reforçam o estigma de objetificação dos nossos corpos. (TRABALHO DE CAMPO, 2023).

Com base na análise do bloco três, que retrata a questão da objetificação do corpo feminino. Algumas das participantes destacam que o uso abusivo da imagem das mulheres, sem equilíbrio na seleção das imagens entre homens e mulheres, acaba priorizando os atributos físicos das mulheres, reforçando o estigma de objetificação dos corpos femininos.

Além disso, muitas participantes relatam que a sexualização da imagem das mulheres no carnaval é desnecessária e só reforça a ideia de que a mulher é um objeto.

Participante 55: Ok.

Participante 56: Acredito que se a mulher consente o uso da imagem, não tem problema.

Participante 57 Se for consentido não vejo problemas, mas caso seja usada a imagem de forma indevida e sem o consentimento da mulher, ai sim é o problema.

Participante 58: Tudo bem se a dona da foto se sentir confortável.

Participante 59: Nada contra desde que a pessoa esteja ciente . (TRABALHO DE CAMPO, 2023).

Ao considerarmos os relatos das participantes exibidas no quarto bloco em relação ao consentimento, podemos observar que a maioria delas não tem problemas com o uso da imagem da mulher como produto de divulgação dos blocos de carnaval, desde que haja consentimento por parte da pessoa que está sendo retratada. De maneira geral, é possível afirmar que o consentimento é um fator fundamental na percepção das participantes em relação ao uso da imagem da mulher como produto de divulgação dos blocos de carnaval. Isso mostra a importância de se respeitar a vontade das mulheres e garantir que elas estejam confortáveis com a utilização de sua imagem para fins publicitários.

A vista do que foi abordado neste tópico, podemos afirmar que a percepção das participantes é de que a imagem da mulher é explorada de forma inadequada e desrespeitosa nas divulgações dos blocos de carnaval, o que evidencia a necessidade de se repensar o uso dessa imagem como produto de divulgação.

Sendo assim, conclui-se que o uso da mulher como produto é um problema extremamente grave e que deveria ser abordado por toda sociedade. Posto isso, é importante que as pessoas estejam cientes dos efeitos negativos da objetificação das mulheres e trabalhem juntas para criar uma cultura que valorize as mulheres pelo que elas são, em vez de sua aparência física.

CAPÍTULO 3 – ASSÉDIO SEXUAL DURANTE O CARNAVAL DE OURO PRETO: CARNAVAL SIM, ASSÉDIO NÃO!

O presente estudo possui natureza de pesquisa exploratória, que de acordo com Gil (2008), o principal objetivo é expor e modificar ideias, apresentando problemas específicos ou hipóteses de pesquisa para estudos subsequentes e também de pesquisa descritiva, no qual seu principal objetivo é apresentar características de uma população ou estabelecer relações entre variáveis (GIL, 2008). Desse modo, na intenção de alcançar os objetivos propostos, a realização da pesquisa contou com ações mistas, onde foram realizadas pesquisas quali-quantitativas, que segundo Serapioni (2000), são métodos que possibilitam a autenticidade da pesquisa.

Partindo do princípio, na etapa 1 foram realizadas análises bibliográficas a partir de artigos científicos, livros, periódicos, jornais, endereços eletrônicos e trabalhos acadêmicos que abordam temas como: turismo sexual, sexualização da mulher, violência contra mulher, marketing turístico, imagem da mulher e carnaval. Dando continuidade, foram feitas análises das campanhas de divulgação do carnaval das repúblicas estudantis de Ouro Preto, abordando fatos que já antecedem desde a década de 1970, onde o foco principal nas divulgações era a imagem da mulher e como são realizadas essas campanhas, trazendo imagens que comprovem tal sexualização e contextos de cunho sexual.

Na etapa 2 a pesquisa de campo foi realizada por meio de questionários eletrônicos direcionados a mulheres, de diversas idades, que já frequentaram o carnaval de Ouro Preto. Em suma, as participantes, em sua maioria, são do círculo social pertencente à pesquisadora, que de acordo com Simmel (1983, apud, AMORIM, 2016, p.2.), são “interligações entre indivíduos de grupos distintos e dentro de um mesmo grupo”, ou seja, relações interpessoais onde se mantém uma interação significativa constantemente, compartilhando conexões tanto sociais quanto emocionais.

O formulário contou com duas seções, sendo o primeiro bloco destinado a perguntas que identificam o perfil das participantes e o segundo bloco composto por perguntas relacionadas a questão do assédio sexual. A soma total das perguntas realizadas equivale a 23 sendo elas 05 questões abertas e 18 questões fechadas e o total de respostas recebidas equivale a 60.

Sendo assim, o presente estudo contou com aplicações de formulários online que ficaram disponíveis nos meses de janeiro e fevereiro, com objetivo de colher dados que foram

representados por gráficos gerados pela própria plataforma do google forms, apontando o número de vítimas e relatos sobre assédio sexual direcionado a mulheres durante o carnaval na cidade de Ouro Preto, com perguntas curtas e diretas voltadas para a questão do assédio sexual.

Ao final do questionário, foi disponibilizado um campo destinado a relatos de forma anônima com a finalidade de preservar a identidade da vítima. Estes formulários foram aplicados em redes sociais como Instagram e WhatsApp, não só com a finalidade de colher dados e relatos de turistas que já passaram pelo carnaval de Ouro Preto, como também de anfitriãs que residem na cidade.

A partir dos dados apresentados, foram realizadas análises dos gráficos recolhidos na segunda seção identificada como “assédio sexual” dos questionários aplicados. Além das análises gráficas, foram realizadas também análises de relatos das participantes colhidos nos questionários, pontuando e argumentando junto as perspectivas das participantes perante essa problemática.

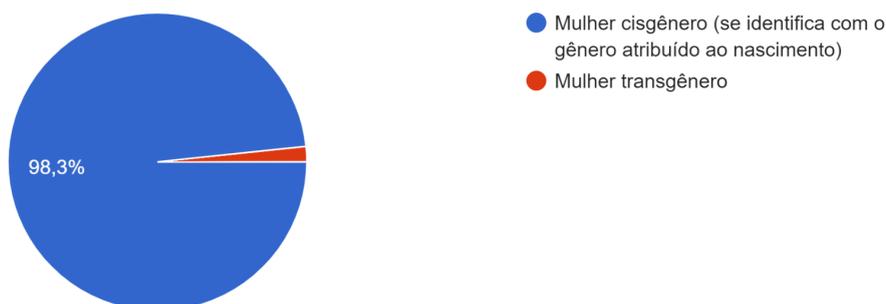
3.1 – Caracterização das mulheres participantes

Esta etapa da pesquisa consiste na análise de dados colhidos durante a aplicação do questionário na plataforma do google forms.

Gráfico 01: Como você se identifica em termos de gênero?

Como você se identifica em termos de gênero?

60 respostas



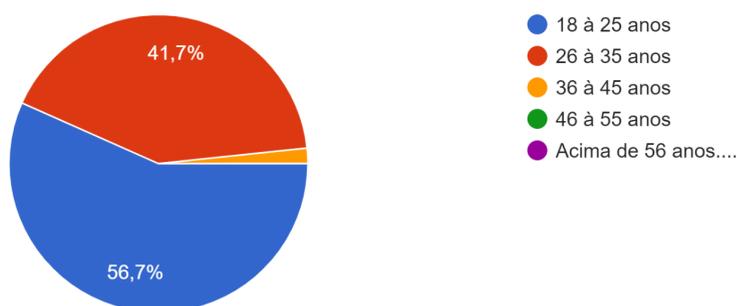
Fonte: Trabalho de campo, 2023.

Observando o gráfico 1, tem-se a apresentação inicialmente dos dados relacionados à autodeclaração de gênero das participantes. As opções foram mulher cisgênero e mulher transgênero. Analisando o gráfico, foi possível perceber as condições discrepantes entre as opções apresentadas. Os resultados indicam que a grande maioria das participantes, se identificou como cisgênero, ou seja, identifica-se com o gênero que corresponde ao seu sexo biológico (JESUS, 2012), totalizando a porcentagem de 98%. Enquanto o menor número de participantes que se identificaram como transgênero, ou seja, identificam-se com um gênero diferente daquele correspondente ao seu sexo biológico (JESUS, 2012), totalizando a porcentagem de 2%.

O fato da maioria das participantes se autodeclararem como mulheres cisgêneros, talvez, tenha relação tanto com o círculo social que a pesquisadora faz parte, quanto a questão de que o carnaval de Ouro Preto (MG) é também tradicional entre estudantes do ensino superior. E, no Brasil, mulheres transgêneros enfrentam dificuldade de acesso a contextos universitários.

Gráfico 02: Idade

Idade:
60 respostas



Fonte: Trabalho de campo, 2023.

O gráfico 2, apresenta a faixa etária das participantes, nota-se que a maior parte das participantes com o percentual de 57% variam de idade entre 18 à 25 anos. 42% variam de

idade entre 26 à 35 anos e 2% variam de idade entre 36 à 45 anos. Sendo assim, acredita-se que a variação de idade se deve ao fato do círculo social pertencente possuir maior concentração de idade entre 18 à 35 anos.

Quadro 01: Cidade de origem das participantes

Cidade	Número de Participantes
Belo Horizonte (MG)	4 mulheres
Ouro Branco (MG)	3 mulheres
João Monlevade (MG)	3 mulheres
Mariana (MG)	3 mulheres
Itabira (MG)	2 mulheres
Guarulhos (SP)	2 mulheres
Belém do Pará (PA)	2 mulheres
Unai (MG)	2 mulheres
Rio de Janeiro (RJ)	2 mulheres
São Paulo (SP)	2 mulheres
Ouro Preto (MG)	10 mulheres
Araras (SP)	1 mulher
Itajubá (MG)	1 mulher
Vila Velha (ES)	1 mulher
Teresópolis (RJ)	1 mulher
Rio Casca (MG)	1 mulher
São José do Goiabal (MG)	1 mulher

Ituiutaba (MG)	1 mulher
Itaúna (MG)	1 mulher
Pindamonhangaba (SP)	1 mulher
Bauru (SP)	1 mulher
Santa Maria de Itabira (MG)	1 mulher
Joáima (MG)	1 mulher
Poá (SP)	1 mulher
Goiânia (GO)	1 mulher
Búzios (RJ)	1 mulher
Manhuaçu (MG)	1 mulher
Ferros (MG)	1 mulher
Salvador (BA)	1 mulher
Alpinópolis (MG)	1 mulher
Votuporanga (SP)	1 mulher
Coronel Fabriciano (MG)	1 mulher
Maturín (Venezuela)	1 mulher
Pouso Alegre (MG)	1 mulher
Teófilo Otoni (MG)	1 mulher
São Mateus (ES)	1 mulher
Cidade de origem das participantes	

Fonte: Trabalho de campo, 2023.

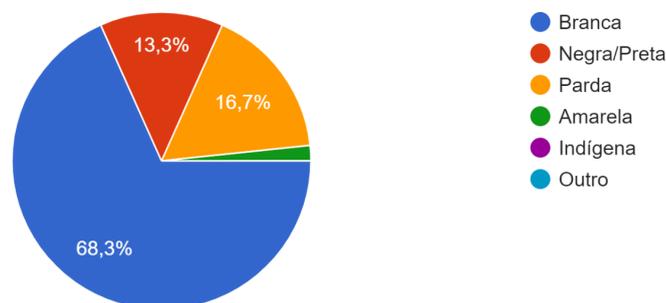
Ao analisarmos o quadro 1, podemos observar que o maior número de participantes totalizando o número de 10 mulheres se concentram na cidade de Ouro Preto/MG, cidade esta

na qual a pesquisa está sendo desenvolvida. Devido ao fato de a cidade ser uma cidade universitária, ela abriga pessoas de diversos cantos do mundo. Em segunda posição, totalizando o número de 4 mulheres, está a cidade de Belo Horizonte (MG). Na terceira posição, totalizando o número de 3 mulheres, encontram-se as cidades: Ouro Branco (MG), João Monlevade (MG) e Mariana (MG). Em quarta posição, totalizando o número de 2 mulheres, se encontram as cidades: Itabira (MG), Guarulhos (MG), Belém do Pará (MG), Unai (MG), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). E por último, totalizando um número de 1 mulher, estão as cidades: Araras (SP), Itajubá (MG), Vila Velha (ES), Teresópolis (RJ), Rio Casca (MG), São José do Goiabal (MG), Ituiutaba (MG), Itaúna (MG), Pindamonhangaba (SP), Bauru (SP), Santa Maria de Itabira (MG), Joáima (MG), Poá (SP), Goiânia (GO), Búzios (RJ), Manhuaçu (MG), Ferros (MG), Salvador (BA), Alpinópolis (MG), Votuporanga (SP), Coronel Fabriciano (MG), Maturín (Venezuela), Pouso Alegre (MG), Teófilo Otoni (MG), São Mateus (ES).

É interessante observarmos de forma geral que a maior concentração dos números de participantes se encontra na região de Minas Gerais.

Gráfico 03: Em termos de cor ou raça, você se declara uma pessoa

Em termos de cor ou raça, você se declara uma pessoa:
60 respostas



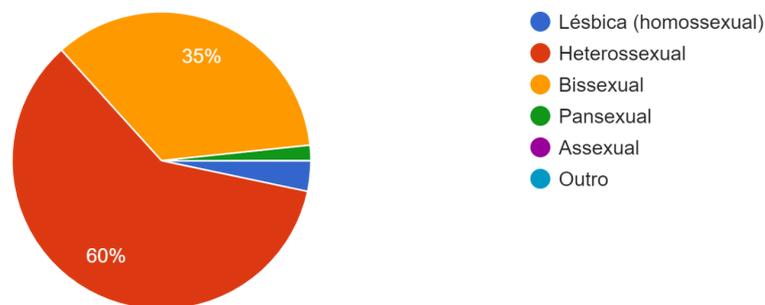
Fonte: Trabalho de campo, 2023.

No gráfico 3, é apresentado a autodeclaração de raça/cor das participantes. A maior parte delas, correspondendo a 68% do total, se identificou como brancas. Em seguida, 17%

das participantes se declararam como pardas, 13% se declararam como negras/pretas e 2% se declararam como amarelas. Essa informação é importante para entender a diversidade da amostra da pesquisa, já que a raça/cor pode influenciar em comportamentos, atitudes e percepções das pessoas.

Gráfico 04: Como você se identifica em termos de sexualidade?

Como você se identifica em termos de sexualidade?
60 respostas



Fonte: Trabalho de campo, 2023.

O gráfico 4 apresenta a distribuição das participantes de acordo com sua orientação sexual, ou seja, a forma afetiva que uma pessoa se relaciona sexualmente em relação a outras pessoas (JESUS, 2012).

Observando o gráfico, é possível notar que a maioria das participantes (60%) se identificou como lésbicas, mulheres que se atraem emocionalmente ou sexualmente por outras mulheres. Prosseguindo, o gráfico mostra que 35% das participantes se identificam como heterossexuais, o que significa que elas se atraem por pessoas do sexo oposto.

O gráfico também mostra que 3% das participantes se identificam como bissexuais, o que significa que elas se atraem por pessoas de ambos os gêneros, enquanto 2% se identificaram como pansexuais, o que significa que elas são atraídas por pessoas independentemente do seu gênero ou identidade de gênero.

Em conformidade com a autora Jesus,

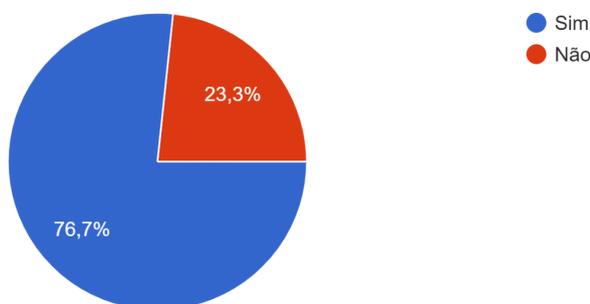
Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é "naturalmente" heterossexual (JESUS, 2012, p.12)

A orientação sexual pode variar de pessoa para pessoa, não havendo um padrão ou norma que defina a orientação sexual de alguém com base em seu gênero. Com resultado, é importante reconhecer a fluidez e a abrangência da orientação sexual, bem como, a capacidade das pessoas de se sentirem atraídas por uma ampla variedade de indivíduos, independentemente do gênero. Sendo assim, foram apresentados aqui exemplos de como a orientação sexual pode variar e abranger diferentes formas de atração.

Gráfico 05: Você reside na cidade de Ouro Preto (MG)?

Você reside na cidade de Ouro Preto (MG)?

60 respostas



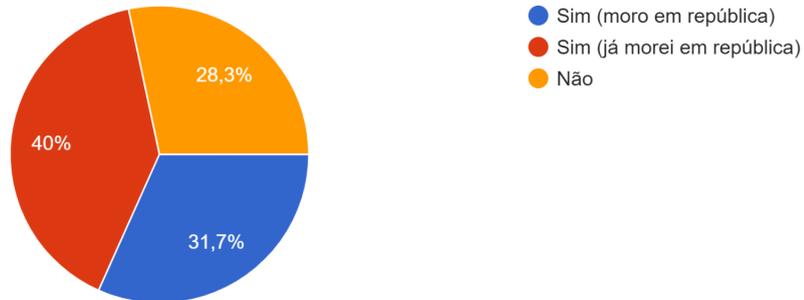
Fonte: Trabalho de campo, 2023

No gráfico em questão, o gráfico 5, é apresentado informações sobre a localização das participantes do questionário. Foi perguntado se as participantes residem ou não na cidade de Ouro Preto. De acordo com o resultado da pesquisa, 76,7% das participantes responderam que sim, enquanto 23,3% responderam que não. Esses resultados sugerem que a maioria das entrevistadas residem em Ouro Preto, enquanto uma minoria significativa não reside na cidade.

Gráfico 06: Você mora ou morou em república estudantil?

Você mora ou morou em república estudantil?

60 respostas



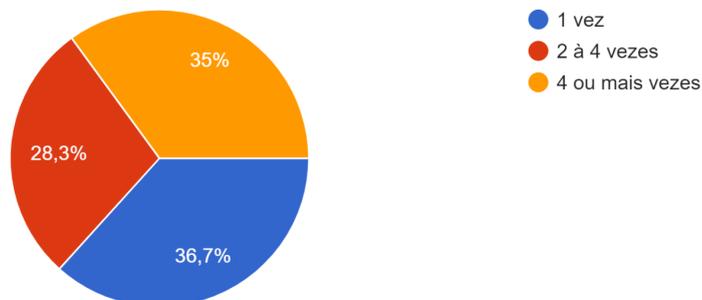
Fonte: Trabalho de campo, 2023.

No gráfico 6, é apresentado a análise de pessoas que já residiram, residem ou não em repúblicas estudantis de Ouro Preto. 40% são pessoas que afirmam já ter morado em repúblicas estudantis de Ouro Preto. 32% pessoas que afirmam morar em repúblicas estudantis de Ouro Preto. E 2% das pessoas afirmam nunca ter morado em repúblicas estudantis de Ouro Preto.

Gráfico 07: Quantas vezes você já passou o carnaval em Ouro Preto?

Quantas vezes você já passou o carnaval em Ouro Preto?

60 respostas



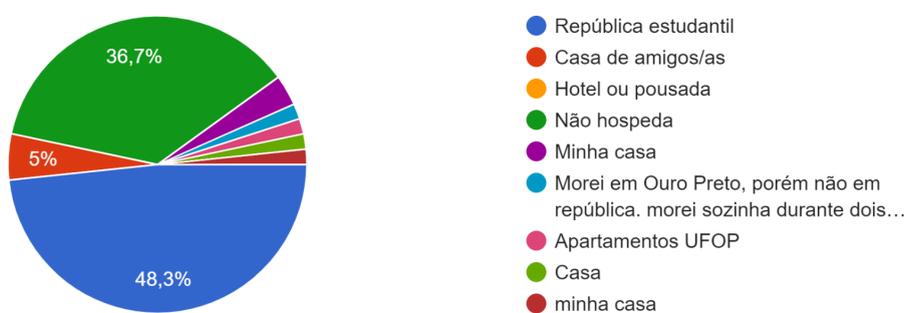
Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

É apresentado no gráfico 7 a frequência com que as participantes frequentaram o carnaval de Ouro Preto. 50% das participantes, alegaram ter frequentado uma vez. 47% representam o número de participantes que frequentaram de 2 a 4 vezes e por último, 3% representam o número de participantes que alegam já ter frequentado 4 vezes ou mais.

Gráfico 08: Onde você está hospedada ou se hospedou durante o carnaval de Ouro Preto (MG)?

Onde você está hospedada ou se hospedou durante o carnaval de Ouro Preto (MG)?

60 respostas



Fonte: Trabalho de campo, 2023

Analisando os dados no Gráfico 8, relacionado aos meios de hospedagem das participantes durante o carnaval de Ouro Preto, verificou-se que 48%, considerado maior percentual entre as participantes, afirmam se hospedarem em repúblicas estudantis.

Estima-se que dentre as opções essa seja maior, devido ao carnaval republicano ser bastante conhecido na cidade, logo, a procura se dá com o desejo de se viver a experiência, outro fato também pode ocorrer em decorrência dos hóspedes possuírem vínculos com pessoas que residem nas repúblicas. 37% afirmam que não se hospedam, ou seja, acredita-se que este público seja de mulheres que se situam em regiões próximas e tenha vindo curtir somente um dia de carnaval. 8% permaneceram em suas residências. 5% afirmam se hospedar em casa de amigos(as) e 2% responderam como outros.

Para finalizar o bloco que define o perfil das participantes, foi perguntado o meio de hospedagem utilizado por elas durante o período de carnaval. Diante dos resultados obtidos pelo trabalho de campo, foram realizadas análises, interpretação e tabulação dos dados

colhidos através dos questionários aplicados durante o trabalho de campo. A estruturação realizada por meio de gráficos traz uma série de informações sobre o entendimento do perfil das participantes.

3. 2 – Assédio sexual no carnaval de Ouro Preto sob a perspectiva das entrevistadas

Neste tópico são apresentadas discussões a partir da análise dos gráficos referentes a questão do Assédio Sexual Durante o Carnaval de Ouro Preto. Como pontuado na metodologia, na finalidade de concluir os objetivos, foram aplicados formulários de forma online a mulheres de diversas idades e classe social. Questionários estes, que contaram com a exposição de vários relatos de mulheres que já foram vítimas deste fenômeno durante o evento.

Dando continuidade à pesquisa, de acordo com dados coletados das participantes, para se iniciar o segundo bloco que define a questão do assédio sexual, foi perguntado se as participantes sabem o que é assédio sexual. A amostra obteve o percentual máximo, totalizando 100% das participantes que responderam sim, o que indica que todas as participantes parecem ter um conhecimento básico sobre a temática em questão. Sendo assim, em análise, pode-se considerar um resultado positivo, já que a conscientização sobre o assédio sexual é fundamental para prevenir e combater esse tipo de comportamento inadequado e abusivo.

No entanto, é importante destacar que saber o que é assédio sexual é apenas o primeiro passo para lidar com a questão de forma eficaz. É preciso também compreender os diferentes tipos de assédio sexual, reconhecer quando o comportamento ultrapassa os limites e se torna abusivo, e saber como denunciar e buscar ajuda caso seja vítima ou testemunha de assédio.

Segundo (BARROS, 1995), existem dois tipos de assédio sexual no âmbito do trabalho, "assédio sexual por intimidação", que é o mais genérico, e o "assédio sexual por chantagem". (p.31),

“O primeiro caracteriza-se por incitações sexuais importunas, de uma solicitação sexual ou de outras manifestações da mesma índole, verbais ou

físicas, com o efeito de prejudicar a atuação laboral de uma pessoa ou de criar uma situação ofensiva, hostil, de intimidação ou abuso.” (p.31)

“Já o "assédio sexual por chantagem" traduz exigência formulada por superior hierárquico a um subordinado, para que se preste à atividade sexual, sob pena de perder o emprego ou benefícios advindos da relação de emprego”. (p.32).

Portanto, embora a resposta positiva das participantes seja um bom sinal, é de interesse saber se elas possuem um conhecimento mais aprofundado sobre o tema e se estão preparadas para agir caso se deparem com situações de assédio sexual.

A seguir, na próxima questão foi disponibilizado um espaço em que as participantes pudessem descrever o que era assédio no seu entendimento. As respostas serão analisadas em blocos:

Entrevistada 01: Me sentir importunada,constrangida, hostilizada, ou ate mesmo ameaçada por uma pessoa do sexo oposto (ou não)no momento que me nego conversar, interagir, beijar ou demais coisas.(sic)

Entrevistada 02: É quando me tiram o direito de escolher se quero passar por aquela situação ou não, é quando me importunam sexualmente.

Entrevistada 03: Ação em que a vítima geralmente mulher é importunado sexualmente reiteradas vezes ou não. (sic)

Entrevistada 04: Importunação e qualquer ação indesejada vindo de outras pessoas qhe invadem seu espaço/privacidade de cunho sexual. (sic)

Entrevistada 05: Para mim, assédio sexual é a importunação de caráter de sexual.

Entrevistada 06: Importunação, desrespeitar o outro impondo uma interação sexual indesejada.

Entrevistada 07: Importunação com intenção sexual.

Entrevistada 08: Acredito que assédio sexual seja a importunação de alguém com palavras e toques que tenham cunho sexual e que isso ocorra em sua maioria com as mulheres no Brasil.

Entrevistada 09: Importunação.

Entrevistada 10: É uma importunação, uma invasão à sua moral e corpo.

Entrevistada 11: Importunação sem consentimento que ultrapassa limites com relação ao corpo de alguém, podendo ser comentários ou atitudes.

Entrevistada 12: Assédio sexual é qualquer tipo de violação do espaço pessoal por outra pessoa, desde toques indevidos à penetração e abuso.

Entrevistada 13: Abuso do corpo da mulher sendo sexualizado (TRABALHO DE CAMPO, 2023).

Em análise do primeiro bloco de respostas das participantes denominado como “Importunação”, pode-se compreender que essas participantes têm uma compreensão de que o assédio sexual consiste em comportamentos persistentes e incômodos, que podem incluir abordagens insistentes, contato físico não desejado e/ou comentários sexuais inadequados.

Embora a palavra "importunação" possa ser usada como um termo geral para descrever um comportamento indesejado que causa incômodo, é importante destacar que o assédio sexual é um tipo específico de importunação que envolve conotações sexuais e pode causar um grande impacto emocional, psicológico e/ou físico nas vítimas, como especificado anteriormente no capítulo 2.

Entrevistada 14: CRIME!!! Agressões verbais e/ou físicas que vão contra o que a vítima quer/pensa.

Entrevistada 15: Crime. (TRABALHO DE CAMPO, 2023).

Em análise do segundo bloco de respostas das participantes denominado como “Crime, pode-se entender que essas participantes têm uma compreensão de que o assédio sexual é um comportamento ilegal e que viola as leis que protegem as pessoas de serem submetidas a esse tipo de comportamento. Essa resposta enfatiza a gravidade do assédio sexual e pode refletir uma preocupação com a necessidade de responsabilizar os agressores por seus atos.

Como retratado no segundo capítulo, no Brasil existe uma lei que é definida no artigo 216-A do Código Penal que caracteriza tal violência como crime. E assim como no Brasil, outros países, como por exemplo a França e Nova Zelândia (BARROS, 1995) também existem leis que caracterizam o assédio como crime.

Entrevistada 16: Assédio sexual é quando me sinto constrangida, ou desrespeitada de alguma forma diante da conduta de outra pessoa em relação à mim, na intenção de ter vantagem sexual.

Entrevistada 17: Investidas (de forma verbal ou física) sem o consentimento da mulher, que geram constrangimento, danos físicos ou psicológicos.

Entrevistada 18: Tudo que te constrange, que não foi autorizado por você, que te diminui ou te proporciona uma sensação de insegurança ou inferioridade. Que te fere física, emocional ou sexualmente. (sic)

Entrevistada 19: Intimidação ou constrangimento de conotação sexual e misógena.

Entrevistada 20: Quando a outra pessoa ultrapassa os limites e não respeita a vontade da outra pessoa, constrangendo-a.

Entrevistada 21: O assédio sexual é definido como o constrangimento com conotação sexual no ambiente de trabalho, em que, como regra, o agente utiliza sua posição hierárquica superior ou sua influência para obter o que deseja.

Entrevistada 22: Situação onde se é sujeitado a comportamentos constrangedores com conotação sexual sem a permissão e consentimento da pessoa.

Entrevistada 23: É quando sem ser correspondido ou qualquer sinal de interesse recíproco uma pessoa te constrange/alicia com atos, gestos, palavras e atitudes de conotação sexual.

Entrevistada 24: Assédio sexual é um exemplo de violência física ou simbólica com conotação sexual, que constrange a vítima.

Entrevistada 25: Constranger alguém querendo alguma vantagem sexual.

Entrevistada 26: Se sentir oprimida com os avanços sexuais de outras pessoas para com você.

Entrevistada 27: Acredito que o assédio envolva qualquer situação em que a mulher se sinta desconfortável e impotente! O assédio não diz respeito apenas ao estupro, muito pelo contrário, esse ato pode ser o mais grave de violento de todos, mas acabamos esquecendo que existem várias atitudes que nos colocam em situação de desconforto, como uma cantada, um beijo forçado, um toque, entre outros. (sic)

Entrevistada 28: Assédio é qualquer forma que me desrespeite.

Entrevistada 29: Quando uma mulher é submetida a situações que se sente desconfortável, seja por falas ou toques físicos.

Entrevistada 30: Assédio sexual se resume a todas as ações ou palavras nas quais agride outro indivíduo e que possuam caráter sexual.(sic)

Entrevistada 31: Uma situação incômoda onde uma pessoa se aproveita de uma característica de dominação, seja por idade, tamanho, masculinidade etc para tirar proveito da fragilidade de outra, afim de tentar satisfazer suas

necessidades sexuais de forma desrespeitosa. (TRABALHO DE CAMPO 2023). (sic)

Em análise do terceiro bloco de respostas das participantes denominado como “Constrangimento” pode-se entender que essas participantes têm uma compreensão de que o assédio sexual envolve comportamentos que causam desconforto, humilhação ou incômodo para a vítima.

O constrangimento pode ser uma das principais características do assédio sexual e pode afetar negativamente a autoestima e a saúde mental da vítima. É importante lembrar que o constrangimento é apenas um aspecto do assédio sexual e que esse comportamento pode assumir muitas outras formas, como o contato físico não desejado, os comentários sexuais inadequados e as abordagens insistentes, por exemplo.

Entrevistada 32: Toda ação de conotação sexual não consentida. usurpar o direito de escolha de se envolver sexualmente com outra, utilizando da força física, chantagem emocional ou vulnerabilidade.

Entrevistada 33: Desrespeito, invasão.

Entrevistada 34: Quando outra pessoa ultrapassa os limites que impus sobre o meu corpo.

Entrevistada 35: Ato ou atitude que ultrapasse os limites colocados por mim em assuntos relacionados à sexualidade, por exemplo: encostar a mão em partes do meu corpo sem minha autorização, beijar ou tentar beijar, forçar ato sexual, manusear o próprio corpo em atitude sexual direcionada a outro que não a deseja.

Entrevistada 36: Quando uma pessoa toma uma liberdade que não foi dada a ela (permissão) para com o corpo do outro de maneira sexual.

Entrevistada 37: Palavras de baixo calão, toques indesejados, sexo sem consentimento.

Entrevistada 38: Prática de atos sexuais sem o consentimento da outra pessoa.

Entrevistada 39: Comportamento ou atitudes evasivos sem consentimento da pessoa.

Entrevistada 40: Passar a mão em você sem permissão. Tentativa de contato físico sem permissão, incluindo beijo. Colocar a sua mão nas partes íntimas de outra pessoa sem seu consentimento. (sic)

Entrevistada 41: Qualquer ato de relacionamento que não seja condizente por uma das partes.

Entrevistada 42: Forçar algo que não permiti. (sic)

Entrevistada 43: Situação em que a pessoa invade o espaço do outro de modo desconfortável, mesmo que outro diga ou demonstra que não quer.

Entrevistada 44: É toda forma abusiva contra alguém, quando o indivíduo invade o seu espaço sexual. (seja fisicamente ou verbalmente) sem a sua permissão.

Entrevistada 45: É quando fazem algo comigo sem meu consentimento.

Entrevistada 46: Quando, depois do não, há insistência no contato sexual ou sensual.

Entrevistada 47: Qualquer atitude que ultrapasse o não ou faça com que a pessoa se sinta incomodada.

Entrevistada 48: Beijar, passar a mão/apertar sem consentimento.

Entrevistada 49: Qualquer tipo de ato sexual (acoso) contra uma pessoa que não deu o consentimento prévio. (sic)

Entrevistada 50: Invasão do meu corpo sem permissão.

Entrevistada 51: Não aceitar um não quando pede pra ficar, insistir, passar dos limites, falar coisas desconfortáveis.

Entrevistada 52: É o contato visual, verbal e físico forçado, contínuo e invasivo com teor sexual. Geralmente, o assediador é um homem forçando contato com uma mulher. (TRABALHO DE CAMPO, 2023).

E por último, ao analisar o quarto bloco intitulado “Sem consentimento”, compreende-se que as participantes possuem um entendimento de que assédio sexual é caracterizado por comportamentos que são efetuados sem a obtenção do consentimento explícito da vítima.

Tal circunstância implica que a vítima não deu seu consentimento para o comportamento em questão, podendo até mesmo ter expressado sua falta de interesse ou desconforto perante a situação.

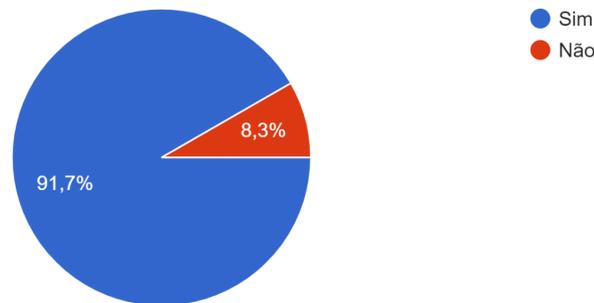
O consentimento é um elemento fundamental em todas as interações sexuais e amorosas saudáveis. A ausência deste, por sua vez, pode tornar qualquer comportamento em questão passível de ser considerado abusivo.

Diante disso, a presente análise enfatiza a relevância inerente ao consentimento e ressalta a importância de se respeitar os limites pessoais de cada indivíduo envolvido nessas interações.

Gráfico 09: Você já foi vítima de assédio sexual?

Você já foi vítima de assédio sexual?

60 respostas



Fonte: Trabalho de campo, 2023

Voltando as análises gráficas, no gráfico 9, é apresentado dados que representam o percentual de participantes que já sofreram ou não algum tipo de assédio sexual na vida. Conclui-se, a partir da contagem analisada, que 92% das participantes já sofreram com essa violência, enquanto 8% afirmam nunca ter sofrido da situação.

O resultado do gráfico 9 é alarmante, pois indica que a maioria das participantes já sofreram esse tipo de violência ao longo de suas vidas. Sabe-se que o assédio sexual é uma forma de violência que se caracteriza pelo comportamento indesejado de natureza sexual, é um comportamento prejudicial e inaceitável.

A alta taxa de respostas positivas apresentada neste gráfico, indica que o assédio sexual é uma experiência comum para as participantes e demonstra a importância de se conscientizar sobre esse problema e tomar medidas para preveni-lo e combatê-lo.

Infelizmente, o assédio sexual é um problema sério e generalizado que pode ocorrer independentemente da presença de outras pessoas ou não. No entanto, acredita-se que é possível que alguns homens se sintam mais encorajados a assediar uma mulher quando ela está sozinha, por acreditar que ela seja mais vulnerável e menos propensa a resistir e denunciar o comportamento.

Em outros casos, pode não assediá-la devido ela estar acompanhada de outro homem, pois em consequência da cultura do machismo, os homens tendem a respeitar os outros homens e tratar as mulheres como se fosse propriedade deles.

Em concordância, Drumont completa:

O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos (DRUMONT, 1980, p.82)

É interessante colocar aqui em evidências junto as análises, alguns dos relatos colhidos durante o trabalho de campo, que concordam com a afirmação que os homens tendem a respeitar as mulheres quando as mesmas estão na companhia de outros homens. Com a finalidade de preservar a identidade e integridade da vítima, os relatos serão representados por números:

Vítima 01: Não passei assédio no carnaval em Ouro Preto, pois acredito que pelo fato de estar com namorado, contribuiu. Por mais que esteja aqui há muito tempo, passei apenas um carnaval aqui. Porém, nos carnavais que fui em São Paulo fui assediada muitas vezes, desde homens forçando beijar na boca, passada de mão na minha bunda e muitos comentários sexuais não solicitados.

Vítima 02: Não fui vítima ainda de assédio no carnaval em Ouro Preto, mesmo passando a festividade na cidade pela segunda vez e participando dos eventos na rua. Acredito que tal ação não tenha acontecido pelo fato de estar acompanhada nas duas vezes por homens na maioria das vezes. Desta vez estive mais atenta as pessoas e pude notar homens olhando fixamente para mim enquanto me deslocava, mas desviando rapidamente o olhar quando via que eu estava acompanhada, de mãos dadas com outro homem. Acredito que os homens respeitam mais outros homens do que as mulheres e me senti por vezes incomodada com os olhares. (sic)

Vítima 03: Em um dia passaram a mão na minha bunda e em outro deram um tapa Além disso, um terceiro homem, tentou me beijar e ficou me segurando enquanto tentava sair de perto dele, único motivo de ter parado foi porque eu disse que namorava e corri pro meu namorado

Vítima 04: Teve alguns casos, falei não varias vezes para o mesmo cara e ele continuou insistindo só parou quando meu namorado veio e interferiu eu

estava vestida com fantasia de diabo ouvi varias coisas inconvenientes como: me leva para conhecer o inferno?? (sic)

Vítima 05: Já sofri assédio em outros carnavais, com homens me puxando pelo braço e me segurando sem que eu pudesse sair ou me locomover. Nesse, com a minha namorada, escutei “que desperdício” enquanto estávamos juntas. Sozinha, um cara veio na minha direção para me beijar sem qualquer indício prévio de que faria isso, recusei e ele se afastou. Eu considerei, apesar de tudo, esse carnaval “mais leve” que outros no que diz respeito ao assédio. Apesar de não me sentir confortável com as demais problemáticas discutidas aqui. Parece uma agressão silenciosa e embutida. (TRABALHO DE CAMPO 2023).

Percebe-se que diferente das vítimas 01 e 02, as vítimas 03, 04 e 05 passaram por situações de assédio. Em análise dos relatos, destaca-se que as vítimas 03, 04 e 05 foram assediadas de maneiras diferentes, mas todas sofreram violência de gênero. As vítimas 03 e 04 relatam que seus agressores pararam de assediá-las quando perceberam que elas tinham um namorado, o que sugere que o agressor viu a namorada como propriedade do namorado, e não como uma pessoa independente com direitos próprios.

Esse tipo de atitude reflete uma visão machista e objetificadora das mulheres, onde o homem acredita que pode agir como dono ou controlador da mulher, e que ela não tem autonomia para tomar suas próprias decisões. Por outro lado, a vítima 05 foi assediada e desrespeitada porque namorava uma mulher, o que reforça a violência de gênero e a homofobia “Medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais e, em alguns casos, a travestis, transexuais e intersexuais, fundamentado na percepção, correta ou não, de que alguém vivencia uma orientação sexual não heterossexual.” (JESUS, 2012, p.29).

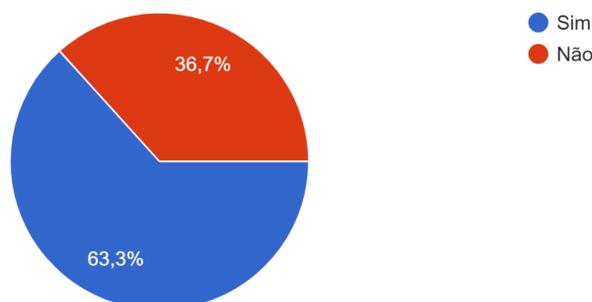
A violência de gênero é um fenômeno que não se limita exclusivamente às mulheres heterossexuais, mas também afeta igualmente as mulheres lésbicas, bissexuais e transgênero. Tais mulheres são vítimas de formas específicas de violência, as quais são motivadas por sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Ou seja, em relação à vítima 05, é possível constatar que além do assédio, houve também um desrespeito em virtude de sua orientação sexual. Tal ocorrência apenas reitera a ideia previamente apresentada de que os homens tendem a respeitar as mulheres somente quando estas se encontram acompanhadas de outros homens. Além do mais, é válido ressaltar que tais situações evidenciam a existência de preconceitos e manifestações de homofobia que ainda persistem em nossa sociedade.

Gráfico 10: Durante o carnaval de Ouro Preto (MG) você foi vítima de assédio sexual?

Durante o carnaval de Ouro Preto (MG) você foi vítima de assédio sexual?

60 respostas



Fonte: Trabalho de campo

Dando seguimento, no gráfico 10, é apresentado o percentual de participantes que foram ou não vítimas de assédio durante o carnaval de Ouro Preto. 63% das participantes alegam já ter sido vítimas, enquanto 37% alegam não ter sofrido da violência.

Esses números apontam uma proporção significativa de mulheres que foram vítimas durante o carnaval de Ouro preto. Valores estes, preocupantes e que indicam que há um problema sério em questão, tendo que o carnaval é um momento em que as pessoas deveriam estar curtindo/se divertindo sem se preocupar, mas infelizmente, as mulheres se sentem inseguras e vulneráveis devido ao comportamento inadequado de outros participantes.

O carnaval de Ouro Preto é conhecido por ser uma festa popular e inclusiva, onde reúne pessoas de diferentes idades, gênero, locais e culturas. O fato de tantas mulheres serem vítimas de assédio sexual durante este evento, é que ainda há muito ao que ser feito para criar um ambiente seguro e respeitoso a todos participantes e principalmente as mulheres, as quais mais sofrem com essa violência.

Ao analisarmos a seguinte questão do questionário, que referencia o gênero do agressor na qual foi perguntado “Se a resposta for SIM, a pessoa autora do assédio era homem ou mulher?”. Seu percentual totalizou o valor máximo, correspondente a 100% afirmando que os agressores foram seres do sexo masculino. Ou seja, o percentual correspondente da

questão, indica uma percepção social predominante de que a maioria dos agressores em casos de assédio são homens, o que está relacionado ao problema do machismo em nossa sociedade.

O machismo enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino. Ele é aceito por todos e mediado pela "liderança" masculina. Ou seja, é através deste modelo normalizante que homem e mulher "tornam-se" homem e mulher, e é também através dele, que se ocultam partes essenciais das relações entre os sexos, invalidando-se todos os outros modos de interpretação das situações, bem como todas as práticas que não correspondem aos padrões de relação nele contidos (DRUMONT, 1980, p.81).

Sabe-se que, o machismo é uma forma de discriminação baseada no gênero, em que os homens são considerados superiores às mulheres e possuem mais direitos e privilégios. Essa mentalidade se reflete em diversas esferas da vida, incluindo o assédio sexual, que é um comportamento que visa intimidar ou constranger alguém de forma sexual, e é um problema grave que afeta principalmente mulheres. Por mais que a maioria dos casos de assédio envolvem uma relação de gênero e de poder, onde o homem tende a ser o agressor e a mulher a vítima, não podemos cristalizar os papéis de vítima/algoz.

Durante o período de carnaval do ano de 2023, estava eu em um bloco de carnaval da cidade de Ouro Preto conhecido por "Bloco do Caixão", bloco este bastante conhecido e que reúne turistas de todo canto e aconteceu a seguinte situação:

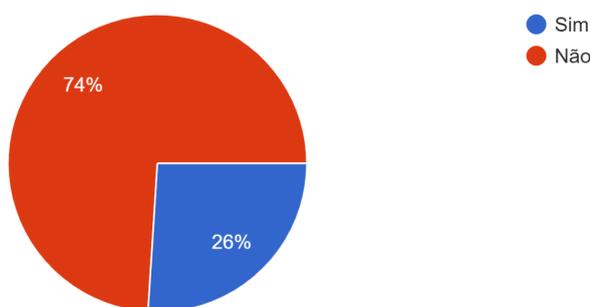
Estava eu curtindo o show do dj conhecido como GBR, quando subi em uma das caixas térmicas para dançar (essa ação é comum nos blocos universitários). Quando no momento fui surpreendida por uma mulher que começou a alisar todo o meu corpo, em tom mais tranquilo pedi a mesma que parasse, até porque pensei que ela estava alisando por brincadeira, então ela parou, minutos depois ela volta alisar todo meu corpo novamente, em um tom mais firme pedi novamente que parasse, ela parou e voltou a dançar, quando pela terceira vez ela voltou a alisar todo meu corpo e dançando junto, foi quando eu já exaltada com aquela situação em tom grosseiro e alterado pedi ela que parasse pois eu não estava gostando da situação e ela tinha que me respeitar, pois já era a terceira vez que eu havia pedido para ela parar, aí ela saiu de perto fazendo gesto com as mão de como já tinha entendido o meu pedido.

Esse caso, em específico, demonstra como o assédio também pode ser reproduzido por mulheres em relação a outras. O que serve para exemplificar como relações de poder podem se dar de modo desigual entre mulheres e situações assim também podem se verificar via assédio sexual.

Gráfico 11: Se você sofreu assédio no carnaval de Ouro Preto, o/a agressor/a insinuou que o traje (roupa ou fantasia) usada por você teria motivado o assédio?

Se você sofreu assédio no carnaval de Ouro Preto, o/a agressor/a insinuou que o traje (roupa ou fantasia) usada por você teria motivado o assédio?

50 respostas



Fonte: Trabalho de campo, 2023

O gráfico 11, é referente se o agressor insinuou ou não que os trajes usados pelas vítimas motivaram o assédio. Os resultados mostram que 74% afirmaram que não houve essa insinuação por parte do agressor e 26% afirmaram que sim.

Esses resultados indicam que, embora uma minoria de agressores possa insinuar que o comportamento ou a aparência das vítimas são a causa do assédio, a maioria das vítimas não recebe esse tipo de mensagem do agressor.

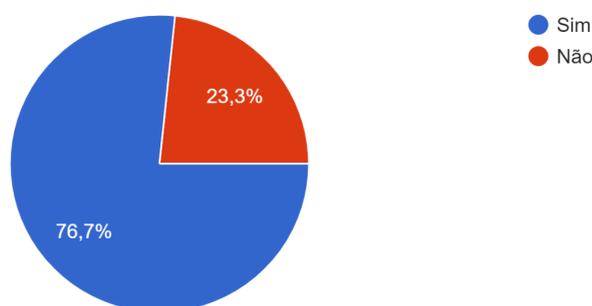
A Marcha das Vadias se configura como um movimento em que as mulheres marcham utilizando roupas socialmente consideradas provocantes, ou vistas como inadequadas ao espaço público. Elas vão à rua contra a ideia secularmente alimentada de que as mulheres são responsáveis pelo assédio que sofrem, sendo a vestimenta um fator determinante para a violência, culpabilizando as vítimas pelas agressões (TAVARES, 2018).

A conduta de quem justifica o assédio pela roupa da vítima é completamente inaceitável e uma forma do agressor culpabilizar a vítima. Ao justificar o assédio pela roupa da vítima, a pessoa está eternizando a cultura do estupro e contribuindo para a normalização do comportamento abusivo. Essa atitude, pode levar a uma diminuição da denúncia de casos de assédio, pois as vítimas podem se sentir coagidas e culpadas pela violência, o que pode dificultar a busca por ajuda. Portanto é importante que todos saibam que a responsabilidade pelo assédio é do agressor e não da vítima.

Gráfico 12: Você conhece alguma mulher que foi vítima de assédio sexual durante o Carnaval de Ouro Preto (MG)?

Você conhece alguma mulher que foi vítima de assédio sexual durante o Carnaval de Ouro Preto (MG)?

60 respostas



Fonte: Trabalho de campo

O gráfico 12, apresenta o percentual das participantes que conhecem ou não mulheres que já foram vítimas de assédio durante o carnaval de Ouro Preto. De acordo com o gráfico, 77% das participantes afirmaram que sim, enquanto 23% afirmaram não conhecer mulheres que foram vítimas de assédio durante o evento.

Essa é uma questão importante que destaca a prevalência de assédio em eventos como o carnaval. Os dados mostram que uma grande proporção das participantes conhece alguma mulher que sofreu assédio no carnaval de Ouro Preto, o que destaca a necessidade de ações

para prevenir e combater o assédio. Dia 23, de março de 2023 a Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP publicou uma nota em sua plataforma referente a uma campanha em combate à violência de gênero na universidade, logo a seguir imagem da campanha:

FIGURA 24: Print da página do site da UFOP



Fonte: Site da UFOP, 2023

A campanha "Não vai dar em nada? Vai dar sim!" será lançada na próxima segunda-feira (27). O objetivo é explicitar à comunidade acadêmica os canais corretos de denúncia contra a violência de gênero no âmbito da Universidade Federal de Ouro Preto. Para o lançamento da campanha, a TV UFOP conversou com a coordenadora da Ouvidoria Feminina, professora Flávia Máximo, que comenta a importância da colaboração com a TV e como a ação pode fazer com que mais mulheres sintam-se à vontade para procurar os canais de denúncia e relatar casos de assédio. "A importância da campanha é o incentivo a que as mulheres realizem denúncias de episódios vivenciados na Universidade que possam configurar a violência de gênero". (MAIA, 2023, s/p).

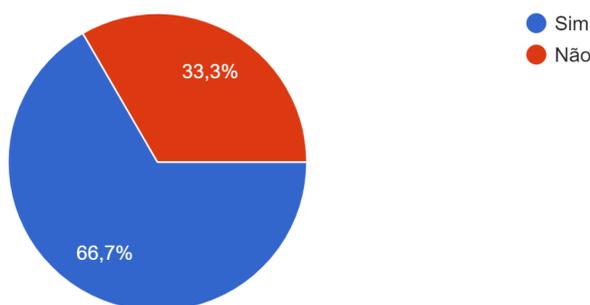
É válido ressaltar a importância da campanha apresentada na figura 24, uma vez que a violência de gênero pode acarretar impactos significativos tanto na vida acadêmica quanto na vida pessoal, especialmente para as vítimas.

Além de que, a iniciativa representa uma forma de conscientizar sobre a importância da igualdade de gênero e de combater o machismo e outras formas de discriminação, contribuindo para a criação de um ambiente inclusivo e respeitoso para todas as pessoas.

Gráfico 13: Durante o carnaval de Ouro Preto (MG) você presenciou alguma situação de assédio sexual contra mulher?

Durante o carnaval de Ouro Preto (MG) você presenciou alguma situação de assédio sexual contra mulher?

60 respostas



Fonte: Trabalho de campo, 2023

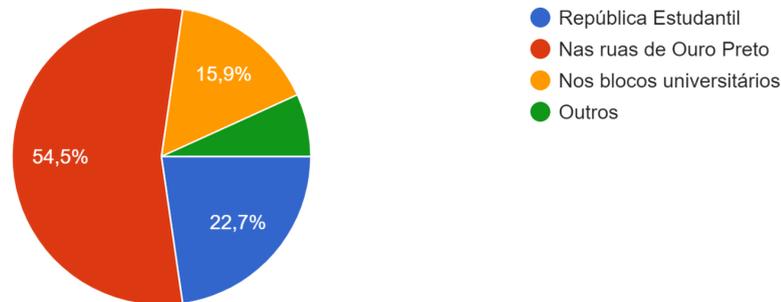
O gráfico 13, se trata do percentual das participantes que testemunharam ou não situações de assédio sexual contra algumas mulheres durante o carnaval de Ouro Preto. Conforme o gráfico, 67% das participantes afirmaram que já presenciaram alguma situação de assédio e 33% afirmaram que não. Os dados evidenciam que há ainda um longo caminho a ser percorrido para garantir a segurança e o respeito das mulheres em eventos públicos. É crucial que tais comportamentos sejam denunciados e que medidas sejam adotadas para preveni-los e punir os agressores.

A sensibilização e a educação são ferramentas essenciais na luta contra o assédio sexual, uma vez que promovem uma reflexão crítica sobre o tema, fomentam o diálogo e fortalecem a cultura de respeito e tolerância. A partir de ações educativas que visem a conscientização e a prevenção do assédio sexual, é possível sensibilizar os participantes de eventos públicos e capacitá-los para identificar, denunciar e prevenir casos de assédio. Além disso, a educação também contribui para a promoção da igualdade de gênero e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, na qual todas as pessoas possam desfrutar de seus direitos de forma igualitária. Portanto, é imprescindível investir em campanhas educativas que busquem a conscientização e a prevenção do assédio sexual em eventos públicos, de forma a garantir que todos possam participar desses eventos de forma segura e respeitosa

Grafico 14: Se a resposta anterior for SIM, a situação presenciada ocorreu em:

Se a resposta anterior for SIM, a situação presenciada ocorreu em:

44 respostas



Fonte: Trabalho de campo, 2023

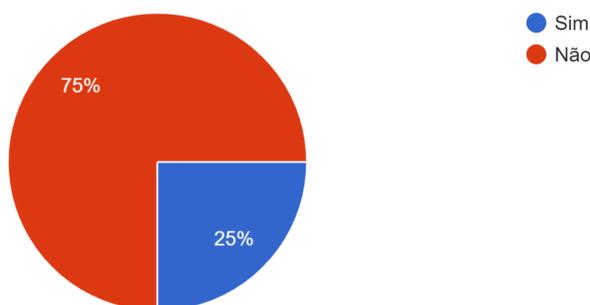
No gráfico 14 é apresentada a distribuição dos locais em que as participantes afirmam ter presenciado o assédio sexual. O gráfico mostra que a maioria das participantes (55%), afirmou ter presenciado na rua, seguido por 23% em repúblicas estudantis, 16% nos blocos universitários e 7% em outros locais. Observa-se, que a maior parte das participantes, alegam ter presenciado a violência nas ruas de Ouro Preto. Em primeiro lugar, é importante lembrar que o carnaval de Ouro Preto é tradicionalmente conhecido por ser um evento que carrega uma cultura dos carnavais universitários, que oferece pacotes que incluem festas e blocos privados, dentre esses pacotes podem estar inclusos hospedagem/alimentação nas repúblicas, tudo isso de acordo com o perfil do turista. Sabe-se, que em termos de organização, o carnaval privado de Ouro Preto costuma ser realizado em espaços fechados, como centro de convenções e repúblicas, enquanto o carnaval público da cidade acontece nas ruas e praças, com bloquinhos de rua, shows e muito mais.

Percebe-se que o percentual de assédio no âmbito público ainda é maior em relação ao privado, que agrupando as alternativas “blocos universitário e repúblicas”, totaliza 39%. Isso significa que a maioria das participantes presenciou a violência em espaços públicos, como ruas, o que pode ser preocupante do ponto de vista de segurança e proteção das mulheres nesses locais abertos. Além do que, o fato de 39% das participantes terem presenciado a violência no carnaval privado (blocos universitário e repúblicas) pode indicar que esses locais não estão sendo seguros o suficiente para as mulheres, o que pode ser um problema. Essas

informações são relevantes para entender o contexto em que o assédio sexual ocorre e pode ser usada para orientar a criação de políticas públicas e estratégias de prevenção para esses diferentes locais. Por exemplo, pode ser necessário aumentar a presença policial nas ruas ou fornecer mais apoio e recursos para as repúblicas estudantis a fim de prevenir o assédio sexual.

Gráfico 15: Em relação a violência contra mulheres, você se sente segura no carnaval de Ouro Preto

Em relação a violência e assédio contra mulheres, você se sente segura no carnaval de Ouro Preto:
60 respostas



Fonte: Trabalho de campo, 2023

Dando continuidade, em análise do gráfico 15, foi possível constatar que 75% das participantes não se sentem seguras em relação à violência contra mulheres durante o carnaval de Ouro Preto, enquanto 25% das participantes afirmaram sentir-se seguras. A partir dos resultados obtidos, pode-se discutir que a questão da violência contra a mulher durante o Carnaval de Ouro Preto é um problema sério e que afeta a sensação de segurança das mulheres que participam do evento. A maior parte das participantes relatou sentir-se insegura, o que sugere que a violência contra a mulher é uma questão que precisa ser abordada e combatida de forma mais eficaz durante o Carnaval e em outros eventos similares.

2018 – A importunação sexual feminina passou a ser considerada crime

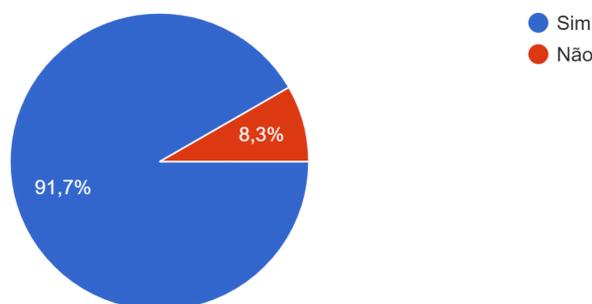
Ser mulher ainda – e infelizmente – é motivo para vivenciar situações de assédio e violência no dia a dia, no ônibus, em aplicativos de carros

particulares ou numa simples ida ao mercado. A ocorrência deste tipo de prática contra as mulheres é tanta que a pauta feminista precisou incluir em suas ações a defesa da lei que caracteriza o assédio como crime (Lei nº 13.718/2018). (SINDIJUS, 2023, s/p).

Além disso, é importante notar que os resultados da pesquisa podem refletir um padrão mais amplo de violência contra a mulher em eventos públicos. Isso sugere que é necessário um esforço contínuo para conscientizar as pessoas sobre o problema e implementar medidas eficazes para garantir a segurança das mulheres em eventos públicos, incluindo ações de prevenção e punição adequada para os agressores.

Gráfico 16: Você considera que o carnaval pode ser um evento propício para o assédio sexual contra mulheres?

Você considera que o carnaval pode ser um evento propício para o assédio sexual contra mulheres?
60 respostas



Fonte: Trabalho de campo, 2023

Com base na análise do gráfico 16, pode-se concluir que a grande maioria das participantes, 92%, considera o carnaval um momento propício para o assédio sexual contra mulheres. Apenas 8% responderam que não o consideram propício.

Esses resultados são preocupantes, pois de acordo com a pesquisa indica que o carnaval está associado a um alto índice de casos de assédio sexual. O assédio sexual pode acontecer em qualquer lugar, mas de acordo com as participantes é comum que ocorra com mais frequência durante o carnaval, por diversos motivos, como por exemplo o machismo,

termo este que vem sendo abordado em todo estudo, que muitas vezes incentiva o instinto predador dos homens em relação as mulheres, principalmente em espaços festivos e com grande consumo de álcool.

O aumento da exposição das pessoas, pois durante a época as pessoas tendem a se vestir de forma mais provocante e a se envolver em comportamentos mais liberais, não dando voz ou justificando tal ação, mas infelizmente em nossa sociedade machista, isso pode ser visto como um convite para o assédio por algumas pessoas. A falta de segurança e proteção das mulheres em espaços públicos, que também é um problema comum, inclusive em eventos de grande porte como o carnaval, onde há uma grande concentração de pessoas. Tais situações foram evidenciadas nos fragmentos de fala das participantes:

Vítima 06: Puxões de cabelo, completamente vulnerável pelo uso de bebida fui colocada na parede diversas vezes e beijada sem estar consciente ou com desejo de tal. Isso aconteceu em blocos de rua e voltando para casa sozinha.

Vítima 07: João me agarrou e beijou a força. Estávamos conversando em uma roda com outras pessoas, ele me perguntou se eu tinha namorado, eu disse que não. Nesse momento ele disse: agora você tem. Me agarrou e beijou. Eu não entendi nada, tudo foi bem rápido. Minha amiga Kátia que começou a gritar e empurrar ele pra me soltar. Até que ele soltou. Ninguém da roda fez nada e eu e minha amiga fomos embora muito acuadas.

Vítima 08: Diversas vezes com homens puxando o braço, abraçando, passando a mão sem qualquer consentimento. Ficar com um cara e querer passar a mão nas partes íntimas, mesmo em público!

Vítima 09: Nossa, foram tantas vezes... era puxão de cabelo, tapa na bunda, forçar beijo... de uns 5 anos pra cá, não presenciei tantas situações assim, comecei a sentir um ambiente menos perigoso, mas ainda fica uma “energia” estranha no ar.

Vítima 10: Já sofri várias vezes em anos anteriores, esse ano foi apenas verbal. Contudo em outros anos já fui puxada, já fui beijada a força, entre outros. Teve uma vez que fui xingar um cara por ter falado algo extremamente nojento e ele partiu pra cima de mim, mas graças a um amigo não aconteceu nada.

Vítima 11: Houveram diferentes momentos de importunação sexual, desde passar a mão, agarrar o braço, puxar o cabelo ou tentar forçar algo.

Vítima 12: Já me puxaram com violência e tentaram me beijar, mais de uma vez, como eu estava com mais amigas, elas me tiraram dessas situações rapidamente.

Vítima 13: O homem passou as mãos nas minhas costas e forçou me beijar.

Vítima 14: Há muitas situações, mas vou citar apenas uma como exemplo: estava dançando com amigas quando um homem se aproximou e começou a

conversar com a gente, que não deu nenhuma atenção para ele. Depois de alguns minutos compulsoriamente com a companhia dele ao nosso lado, um amigo pediu para que ele se afastasse porque ele estava incomodando todo mundo. Ele saía, e voltava o tempo todo, começamos a andar pra despistar ele. Mais tarde, quando estava na fila do banheiro esperando duas amigas, o mesmo homem se aproximou sem que eu visse e tentou roubar um beijo, na hora eu gritei e empurrei ele - sendo que ninguém ao redor fez nada a respeito, mesmo vendo a situação - e ele começou a falar que era brincadeira. (sic)

Vítima 15: Aconteceu em duas situações, fui seguida por um turista voltando de uma festa e durante uma festa fui segurada pelo braço por um homem, que queria que eu beijasse ela mesmo que eu já tivesse dito que não.

Vítima 16: Já sofri assédio em mais de uma ocasião - em várias situações passaram a mão em minha bunda, peitos, ou lambeiram braço ou partes descobertas do corpo. A pior das situações foi numa república em que havia uma festa e um turista homem quis me beijar. Aceitei o beijo e imediatamente ele virou meu corpo (era um homem forte e bem mais alto sexo, levantando minha saia e tentando encostar em mim. Segurou minhas mãos, me impediu de movimentar e mesmo com minha recusa, forçou continuar tentando. Conseguir escorregar por baixo e saí correndo da república. Não conversei com nenhum morador da casa, senti muita vergonha. (TRABALHO DE CAMPO, 2023). (sic)

Os relatos apresentados mostram o que as participantes vivenciaram durante o carnaval de Ouro Preto e foram disponibilizados em um espaço deixado de forma não obrigatória e anonimamente. Esses, constituem uma amostra do que muitas mulheres enfrentam diariamente, em diversos contextos e lugares.

A cultura do machismo e da objetificação das mulheres contribui para que o assédio e a violência sexual sejam normalizados e minimizados, e é necessário um esforço coletivo para mudar essa realidade. As vítimas expõem situações em que foram tocadas agarradas e beijadas sem consentimento, o que é uma violação de seus corpos e de seus direitos. É importante ressaltar que o assédio sexual é um problema sério e deve ser combatido em todas as épocas do ano, não somente durante o carnaval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou abordar a temática do assédio sexual durante o carnaval de Ouro Preto, considerando que se trata de um assunto com relevância na discussão devido a sua complexidade. Geralmente a conduta do assédio é ocasionada por homens, sobretudo afeta as mulheres, embora também possa ocorrer com pessoas do mesmo sexo (DAMÁSIO E GOMES, 2002). Apesar da crescente atenção dispensada a essa problemática nos trabalhos acadêmicos, a discussão do assédio sexual, ainda se depara com desafios significativos por se tratar de um assunto um tanto quanto problemático.

Inicialmente, a pesquisa apresentou a contextualização histórica do turismo sexual no Brasil, tal qual a influência do Embratur. Foram trazidos fatos que antecedem desde a década de 1970, época em que a empresa teve um papel relevante na promoção da imagem do Brasil no exterior, por meio de campanhas publicitárias que enfatizavam a beleza das mulheres brasileiras e a liberdade sexual no país, com isso passando a ser mediador do turismo sexual brasileiro. Em complemento, pode-se dizer que lamentavelmente o turismo sexual é um problema crescente no mundo inteiro e o Brasil é um dos países onde esse tipo de atividade é mais presente.

Através de uma análise histórica, podemos compreender como o marketing turístico do país também contribuiu para a perpetuação dessa prática e como isso afetou negativamente a imagem do Brasil no cenário internacional. Além disso, a pesquisa nos fornece uma visão ampla sobre a celebração do carnaval em diversas regiões do país, enfatizando a importância cultural e histórica desse evento para a sociedade brasileira. No entanto, é crucial destacar que o carnaval também é marcado por uma cultura de assédio e violência contra as mulheres, o que representa um grande desafio para a sociedade e para os órgãos governamentais.

Posteriormente, ao abordar a problemática do assédio no carnaval e sua relação com o marketing que objetifica a mulher, essa pesquisa revela a importância de uma reflexão crítica sobre como as mulheres são representadas na mídia e em campanhas publicitárias. As imagens utilizadas para promover o carnaval muitas vezes reforçam estereótipos sexistas e contribuem para a cultura do assédio que é tão presente nesse período.

Por fim, são apresentadas as análises sobre as percepções das participantes acerca do assédio sexual durante o carnaval de Ouro Preto, essas que são de extrema importância para a

conclusão do objetivo proposto e compreensão dos efeitos deste tipo de violência na vida das mulheres. Através das análises realizadas, foi possível observar que o assédio sexual é uma prática frequente durante o carnaval, gerando inúmeras consequências negativas para as vítimas. Além disso, o estudo também nos alerta para a necessidade de se compreender o papel da cultura do carnaval nesse contexto, que muitas vezes é utilizada para justificar e naturalizar o assédio sexual.

Embora a dificuldade de comparação e a junção dos relatos as análises, foi possível aproximá-los, o que possibilitou a reafirmação e complementação de alguns aspectos da concepção do assédio sexual durante o carnaval de Ouro Preto, tanto em termos de relatos quanto em análises. Outra dificuldade, foi na aplicação do questionário elaborado, quando uma das perguntas era sobre a percepção das mulheres em relação ao uso de imagens, principalmente, de mulheres no marketing dos blocos de carnaval. Nesta pergunta, foram apresentadas imagens ilustrativas de mulheres frente a divulgação retiradas dos próprios sites de divulgação do carnaval estudantil de Ouro Preto, até a aplicação estava tudo certo, quando fui repreendida por usar as imagens, as mesmas mulheres que disponibilizaram de suas imagens para a página do evento que é uma página pública, me censuraram por usar essas mesmas imagens, mesmo tendo seus rostos embaçados.

A princípio me indignou, pois, não dava pra reconhecê-las e mais, por se tratar de uma pesquisa tão importante e que deve ser colocada em evidência constantemente. Penso logo que a ação aconteceu por causa da temática, pois, ao que tudo indica, as mesmas não queriam se comprometer com a problemática. No entanto, acredito que elas não se importariam como tal se a temática fosse algo para ressaltar a beleza feminina. Sendo assim, considerei as reclamações, pois, não estava no lugar delas para saber o real sentimento e a forma que aquelas imagens e o contexto as afetaram. Posto isso, recolhi imagens de blocos distintos da internet, mas que passavam a mesma interpretação a qual foram expostas as outras imagens.

Sendo assim, no início achei que seria extremamente difícil colher relatos, até pela questão da temática, e por muitas vítimas se sentirem envergonhadas de falar sobre, mas para minha surpresa foi além das minhas expectativas. Foi muito satisfatório alcançar as expectativas que eu tinha para o formulário de pesquisa, pois isso me permitiu fazer uma análise mais crítica da sociedade na qual estou inserida como mulher. Embora seja

fundamental que a sociedade como um todo se sensibilize sobre a importância de respeitar e valorizar as mulheres em todas as esferas da vida, inclusive durante o carnaval.

Portanto, é necessário continuar a promover pesquisas que aprofundem a compreensão do assédio sexual e suas implicações para as vítimas, a fim de apoiar a formulação de políticas e práticas eficazes de prevenção e intervenção do fenômeno. Levando em consideração esses aspectos, essa monografia é um ponto de partida para a contribuição estímulo de futuros trabalhos acadêmicos, no âmbito do assédio sexual durante o carnaval de Ouro Preto, ainda que, por se tratar de uma temática bastante complexa, há muito o que ser aprofundado e exteriorizado.

É importante lembrar que a pesquisa em questão é específica para o carnaval de Ouro Preto (MG) e pode não refletir em outros lugares ou eventos. No entanto, os dados apresentados são alarmantes e devem ser considerados pelas autoridades e organizadores de eventos futuros. A conscientização da gravidade do assédio sexual e a adoção de medidas para combatê-lo são essenciais. É necessário promover a educação para a equidade de gênero, o respeito mútuo e a empatia, a fim de construir uma sociedade mais justa e equitativa para todos.

É preciso sensibilizar a população sobre os efeitos negativos do assédio sexual e incentivar a denúncia de casos dessa prática, a fim de prevenir sua ocorrência e garantir o respeito aos direitos e à dignidade das pessoas. Em última análise, é necessário um compromisso coletivo para criar uma cultura de respeito e tolerância zero para o assédio sexual em todas as esferas da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A EVOLUÇÃO das globelezas: do nude ao vestido. VEJA, [S. l.], p. s.p, 27 fev. 2023.

ABUSO infantil não é brincadeira. SESP - Secretaria de Estado de Segurança Pública, [S. l.], p. 1, 25 maio 2020.

AMORIM, Rodrigo Lima de. O papel das imagens técnicas na expansão dos círculos sociais. Revista Eletrônica da Pós-Graduação da Cásper Líbero, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 1-12, 2016.

ASSÉDIO sexual entre as mulheres (Datafolha, 2017). Instituto Patrícia Galvão dados e fontes, [S. l.], 2017. 1, p. 1.

ALFONSO, Louise Prado. EMBRATUR: Formadora de imagens da nação brasileira. Orientador: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

APOLOGIA de Bolsonaro à exploração sexual de brasileiras é repudiada nacionalmente: Entidades e governos estaduais criticam declaração do presidente e organizam campanhas contra o turismo sexual. Brasil de Fato, São Paulo, p. 1, 30 abr. 2019.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. Os festejos de entrudo no século XIX. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 41-55, nov. 2011.

ASSUNÇÃO, Lorraine Wenzel; BABINSKI, Luciana Raquel. TURISMO SEXUAL NO BRASIL: CAUSAS E EFEITOS AO TURISMO BRASILEIRO. I Encontro Semintur Jr. Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Caxias do Sul - RS, p. 1, 8, 9 e 10 jul. 2010.

BARROS, Alice Monteiro de. O assédio sexual no direito do trabalho. Revista do Tribunal Regional do Trabalho 3ª Região, v. 25, n. 54, p. 31-45, jul. 1994/jun.1995.

BASTOS, Pâmela. A Erotização Feminina no Carnaval do rio de Janeiro Como Exercício de Soft Power: Um Estudo de Caso da Personagem “Globeleza” da Rede Globo. Orientador: Prof.ª Doutora Ana Cristina Mendes. 2021. Dissertação (Mestrado em Turismo e Comunicação) - UNIVERSIDADE DE LISBOA FACULDADE DE LETRAS, Lisboa, 2021.

BAYONE, Andrea Melo; BURROWES, Patricia Cecilia. COMO SER MULHER NA PUBLICIDADE: FEMVERTISING E AS “NOVAS” REPRESENTAÇÕES DO FEMININO. *Consumer Behavior Review*, [S. l.], p. 24-37, 1 mar. 2023.

CONQUISTAS do feminismo no Brasil: uma linha do tempo. SINDIJUS - Sindicato dos Trabalhadores do Poder Jurídico do Estado de Sergipe , [S. l.], p. s.p, 6 mar. 2023.

BEM, Arim Soares do. A dialética do turismo sexual. Campinas - SP: Papyrus, 2005. 125 p. ISBN 85-308-0771-5.

BENTO, Berenice. A cerveja e o assassinato do feminino: Com raras exceções, a estrutura dos comerciais não muda: a mulher quase desnuda, a cerveja gelada e o homem ávido de sede.. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 3 jan. 2007.

BELMIRO, Dalila Maria Musa; PAULA, Lucas Giovanni Coelho de; LAURINDO, Priscila Fernandes de Araújo; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava.. *Intercom* , Rio de Janeiro, p. 1-15, 4 set. 2015.

BOLSONARO: “Brasil não pode ser país do turismo gay. Temos famílias”. *Metrópoles*, [S. l.], p. 1, 26 abr. 2019.

CORPOS DISSIDENTES NA RUA : Territorialidade e identidades acionadas no carnaval de Ouro Preto (MG). [S. l.: s. n.], nov. 2017-abr. 2018. ISSN 2358-0844. Semestral.

DAMÁSIO, E. de Jesus. GOMES, Luzi Flávio. *Assédio Sexual*, Saraiva, 1 edição, 2002.

DATAFOLHA 2017: Quatro em cada dez brasileiras já sofreram algum tipo de assédio sexual. *Violência contra as mulheres em dados*, [S. l.], [S. D.]. 1, p. 1.

DE OLIVEIRA ADED, naura liane; galluzzi da silva dalcin, bruno luís; de Moraes, talvane marins; cavalcanti, maria tavares. *Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura*, [s. l.], p. 204-213, 18 ago. 2006.

DE OLIVEIRA, Romilda Sérgio. O CORPO FEMININO: erotização e objetificação. *Assédio Sexual: Questões Conceituais*, Montes Claros, ed. Edição Especial, p. 497-508, Mar. 2018.

DE OLIVEIRA, Arthur Eduardo Oliveira. A CONSTRUÇÃO DO CARNAVAL DAS GRANDES SOCIEDADES CARNAVALESCAS A PARTIR DA IMPRENSA DO SÉCULO XIX. Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Andrea Marzano. 2010. 121 f. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2010.

DIAS, Isabel. VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO TRABALHO: O caso do assédio sexual. SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS, [s. l.], n. 57, p. 11-23, 2008.

DIAZ, Juan; GALVAO, Loren; CHINAGLIA, Magda; LIPPMAN, Sheri. A AIDS NAS FRONTEIRAS DO BRASIL: diagnóstico estratégico da situação da epidemia de aids e doenças sexualmente transmissíveis nas fronteiras do Brasil. Coleção DST/aids - Série Estudos, Pesquisa e Avaliação, [s. l.], n. 6, p. 1-166, 2003.

DRUMONT, Pimentel. Mary. Elementos para uma análise do machismo. Perspectivas, São Paulo. 3 81-85. 1980.

FEIJÓ, Fernando Carrazedo; CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. Marketing do turismo sexual no Brasil: O bastardo segmento do mercado de turismo. in: marketing do turismo sexual no Brasil: O BASTARDO SEGMENTO DO MERCADO DE TURISMO.. [S. l.], set [2002?].

FERREIRA, Liciane Rosseto. O TURISMO SEXUAL E A COMUNICAÇÃO: Um Olhar Hermenêutico Sobre As Relações Entre Visitantes E Visitadas. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 84-112, 2 jul. 2008.

FERREIRA, Deicla Daiane Alves; FURTADO, Mariane Quirino. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: correlação com o machismo estrutural e o papel da Patrulha Maria da Penha no acompanhamento de medidas protetivas de urgência. ânima educação, [S. l.], p. 1-20, 13 dez. 2021.

FILHO, Antônio Jonas Dias. O turismo sexual no Brasil. SEMATA, Ciências Sociais e Humanidades, Bahia, v. 16, p. 373-385, 2004.

FILHO, Rodolfo Pamplona. Assédio sexual: Questões Conceituais. In: ASSÉDIO Sexual: Questões Conceituais. [S. l.: s. n.], 01 dez. 2020. cap. 1, p. 23-45.

GABRIELLI, Cassiana Panissa. DAS “VERGONHAS” DESCRITAS POR CAMINHA, AO TURISMO SEXUAL: O uso de imagens femininas atreladas ao desenvolvimento turístico do Brasil. Orientador: Dra. Sandra Maria P. do Sacramento. 2006.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. Sexta Edição. ed. São Paulo: Editora atlas, [s. d.] 2008. 112 p.

GOÉS, Fred. Imagens do Carnaval Brasileiro do Entrudo aos Nossos Dias. Brasileira da Biblioteca Nacional; guia das fontes sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional /Nova Fronteira, 2002. , p.573-588

JESUS, Jaqueline Gomes de. ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2ª. ed. rev. Brasília: [s. n.], 2012. 41 p.

KAJIHARA, Kelly. A imagem do Brasil no exterior: Análise do material de divulgação oficial da EMBRATUR, desde 1966 até 2008. Observatório de Inovação do Turismo, [S. l.], v. V, n. 3, p. set. 2010.

LARANJEIRA, Anclecia. TURISMO SEXUAL NA PRAIA DE PONTA NEGRA: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DE COMERCIANTES. Orientador: Profª. Drª. Leilliane Trindade Barreto. 2012. 57 f. TCC (Bacharelado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2012.

LOPES, A. C.B.; MALERBA, R. C. A. A imagem do Brasil como destino de turismo sexual na produção acadêmica de dissertações e teses (2001 - 2012). Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.167-181, ago. 2015.

Lorde, Audre. Irmã outside. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Título original: Sister Outsider.

LOURENÇO, Ana Carolina Silva; ARTEMENKO , Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paula. A “objetificação” feminina na publicidade: Uma discussão sob a ótica dos estereótipos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Vila Velha - ES – 22 a 24/05/2014, Vila Velha - ES, p. 1-15, 24 maio 2014.

LUIS, Guilherme. Por que a Globo matou a Globeleza após polêmicas envolvendo racismo e nudez: Musas de Carnaval da emissora reboavam peladas em vinhetas que levantaram discussões de padrões estéticos e objetificação. Folha de São Paulo, São Paulo, p. s.p., 17 fev. 2023.

MAIA , Tiago. UFOP lança campanha contra violência de gênero na Universidade. UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, [S. l.], [s/p], 23 mar. 2023.

MARCONI , MARINA DE ANDRADE; LAKATOS , EVA MARIA. Fundamentos de Metodologia Científica. 5ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 01/01/2003. 311 p.

MARGOTTI , Anelise. Marketing Turístico: O que é, estratégias e exemplos de sucesso. Rockcontent - Blog, [S. l.], p. [s.d] 2020.

MARTINS, Eduardo Bastos. O TURISMO SEXUAL EM FORTALEZA. Orientador: professora Peregrina Fátima Capelo Cavalcante. 2008. 59 f. Monografia (Especialista em Cidadania, Direitos Humanos e Segurança Pública) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MARQUES, Nicole Kira; MANCINI, Lorena Angélica. Turismo sexual: Carnaval, os prazeres da carne. Turismo & Sociedade , Curitiba, v. 7, ed. n. 2, p. 330-358, abril/2014 2014.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto. O CARNAVAL DE OURO PRETO:: mercado e tradição (1980-2011). Orientador: Dr. Victor Andrade de Melo. 2012. 203 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2012.

MORONI, Benedito de Godoy. Carnaval: Origem, evolução e Presidente Epitácio. versão ebook PDF. ed. rev. São Paulo: [s. n.], [s. d.] 2011. 366 p.

MULHER denuncia estupro dentro da República Quitandinha no Carnaval de Ouro Preto-MG: “Tive um apagão e quando acordei notei que estava sem as minhas roupas íntimas”, relatou a jovem.. JORNAL VOZ ATIVA , Minas Gerais, [s.p], 3 mar. 2019.

PETRAGLIA, Alessandra. Dados sobre o assédio no Carnaval mostram parte da realidade: Números ainda refletem o tamanho real do problema porque muitos casos ficam na invisibilidade. Carnaval sem assédio, São Paulo, 9 mar. 2019.

PINHEIRO, Julia Alves. “Eu organizo o movimento, eu oriento o carnaval”: O Feminismo das mulheres rodadas no carnaval de rua do Rio De Janeiro. Orientador: Dr.A Renata de Sá

Gonçalves. 2017. 63 F. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense Instituto De Ciências Humanas E Filosofia Ciências Sociais, São Paulo, 2017.

PL PRETENDE CRIAR PROTOCOLO DE COMBATE AO ASSÉDIO SEXUAL EM ESPAÇOS PÚBLICOS. Câmara Municipal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. s/p., 17 fev. 2023.

PISCITELLI, Adriana. Turismo sexual no Brasil. Com Ciência - Revista Eletrônica De Jornalismo Científico, [S. l.], p. 1, 10 jun. 2015.

POLÍCIA Civil investiga denúncia de estupro no carnaval de Ouro Preto: Segundo relatos da vítima, ela consumiu bebida alcoólica, perdeu a consciência e foi estuprada por um homem em uma república local. ESTADO DE MINAS, [S. l.], [s/p], 2 mar. 2019.

POR QUE a Globo matou a Globeleza após polêmicas que vão de racismo a nudez: Debates públicos sobre objetificação feminina, pressão estética e racismo questionam a vinheta da Globeleza, tradicional no carnaval da Globo. ESTADO DE MINAS , [S. l.], [s/p.], 17 fev. 2023.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL. Lei nº Lei Nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. Art. 228. Induzir ou atrair alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual, facilitá-la, impedir ou dificultar que alguém a abandone: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa. Do Lenocínio E Do Tráfico De Pessoa Para Fim De Prostituição Ou Outra Forma De Exploração Sexual , Brasília, 7 ago. 2009.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. LEI No 10.224 nº O Decreto-Lei no 2.848, de 15 de maio de 2001. Art. 216-A. Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. Assédio Sexual, [S. l.], 15 maio 2001.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA SECRETARIA-GERAL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Decreto-Lei nº Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. 215-A. Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro: Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o ato não constitui crime mais grave. Importunação sexual , Brasília, 25/09/2018.

RAMOS, Eleonora. Crimes Sem Perdão, Salvador - BA, A Folha, 2000.

REVISTA PORTAL de Divulgação, n.29. Ano III. Fev.2013, ISSN 2178-3454.
www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte - MG: Letramento, [s. d.] 2017.
112 p.

RODRIGUES, A. Preconceito, estereótipos e discriminação. In: RODRIGUES, A. (Org.).
Psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 149-178

ROSA, CRISLAINE CUSTÓDIA. MULHERES BRASILEIRAS E POLÍTICAS PÚBLICAS
DE TURISMO: A construção de um estereótipo a partir do mito da democracia racial.
Orientador: Profª Drª Kerley dos Santos Alves. 2018. 50 f. Monografia (Bacharelado em
Turismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018.

SANTOS, D. B. M. dos, Francisco, C. N. P., & Guerra, J. R. F. (2021). A representação da
mulher no turismo brasileiro: uma abordagem discursiva atual (2019-2020). Revista Turismo
Em Análise, 32(1), 141-161. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v32i1p141-161>

SANTOS, Fernando Burgos Pimentel dos. Estado, política cultural e manifestações
populares:: A influência dos governos locais no formato dos carnavais brasileiros. Orientador:
Prof. Dr. Peter Kevin Spink. 2007. 126 f. Dissertação (Mestre em Administração Pública e
Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas,
São Paulo, 2007.

SCHNEIDER , CYNTHIA CAMPELO. O frevo no coração do recifense:: Cultura, música e
educação. Orientador: Profº. Dr. Arnaldo Daraya Contier. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado
em Educação, Arte e História da Cultura.) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São
Paulo, 2011.

SCHUQUEL, Thayná. Bolsonaro: “Brasil não pode ser país do turismo gay. Temos
famílias!”. In: Metrôpoles, 2019.

SEGURANÇA das mulheres no transporte (Instituto Patrícia Galvão/Locomotiva, 2019).
Instituto Patrícia Galvão dados e fontes, [S. l.], fev. 2019. 1, p. 1.

SENADO aprova mudança da Embratur: A mudança segue para sanção presidencial. Agência
Brasil, Brasília, p. 1, 29 abr. 2020.

SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. Fortaleza: [s. n.], 01/01/2000. 192 p.

SILVA, Daniel Neves. "Golpe Militar de 1964 e o início da ditadura no Brasil"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/golpe-militar.htm>. Acesso em 26 de setembro de 2022.

SILVA, Luiz Arthur da Costa. Turismo sexual e prostituição: Uma reflexão sobre o uso das Políticas de Comunicação sob a ótica da mulher prostituta. Orientador: Profa. Dra. Maria Aparecida de Sousa. 2011. 120 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SILVA, Tatiana Amaral. Turismo sexual, prostituição e gênero: uma discussão teórica. XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL, Ilhéus/Bahia, p. 1, 9, 10 e 11 out. 2007.

SILVA, Welinton Pereira da. Tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial e a segurança social. Revista IIDH, [S. l.], v. Vol. 38, p. 350-420, [s.d] 2003.

SILVA FILHO, Jorge Luiz Veloso da. "LÁ VEM O HOMEM DA MEIA-NOITE": TRADIÇÃO DOS BONECOS GIGANTES NO CARNAVAL DE OLINDA. ANPUH-Brasil - 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - Recife, 2019, Recife, p. 1-13, 1 fev. 2019.

SOBREIRA, Michelle do Carmo; MACHADO, Cyjara Orsano; REBOUÇAS, Cláudia Queiroz; FORTE, Sérgio Henrique Arruda Cavalcante. Cenários Prospectivos no Combate ao Turismo Sexual Internacional em Fortaleza. Revista Turismo - Visão e Ação - Eletrônica, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 416-449, 14 ago. 2014. DOI Doi: 10.14210/rtva.v16n2.p416-449.

SUDRÉ, Lu. Apologia de Bolsonaro à exploração sexual de brasileiras é repudiada nacionalmente. In: Brasil de Fato, 2019.

TAVARES, Anna Odara de Araujo. MARCHA DAS VADIAS DE RECIFE: ARTICULAÇÕES POLÍTICAS ENTRE ROUPA, CORPO E EXPRESSÃO IDENTITÁRIA. XX REDOR, Salvador - BA, p. 1-14, 4 dez. 2018.

TRABALHADORES do sexo: Os direitos trabalhistas decorrentes da sua atividade profissional sob a ótica da regulamentação da profissão. JUSBRASIL, [S. l.], p. 1, [S.d] 2020.

VIEIRA, Naiara da Cunha. CARNAVAL DE SALVADOR: DISCUTINDO A GESTÃO DA FESTA. Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Miguez de Oliveira. 2014. 122 f. Dissertação (Pós-Graduação Em Cultura E Sociedade) - Universidade Federal Da Bahia Instituto De Humanidades, Artes E Ciências Prof. Milton Santos, Salvador, 2014.

VIII Tube denuncia assédio sexual em carnaval do Rio: ‘mega desconfortável’: Ex-BBB revelou que teve as partes íntimas tocadas ao sair de um camarote. Diário do Nordeste, Nordeste, p. 1, 23 abr. 2022.

YOUTUBE. Aftermovie Carnapulga 2018. Disponível em <<https://youtu.be/sTSPNaxW0Xg?t=38>>. Acesso em 28 de março de 2023.

YOUTUBE. Aftermovie 2019 Carnaval Verdes Mares, o Paraíso. Disponível em <<https://youtu.be/ubAk2wHnGnI>>. Acesso em 28 de março de 2023.

YOUTUBE. Carnaval Ouro Preto 2019 - República 171. Disponível em <<https://youtu.be/F61pXKaRy3k?list=TLGGsJ5csMkuD48wMTAzMjAyMw>>. Acesso em 28 de março de 2023.

42% das mulheres brasileiras já sofreram assédio sexual. Data folha instituto de pesquisas, São Paulo, 11 jan. 2018. 1, p. 1.

GLOSSÁRIO

Cisgênero: Que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. (JESUS, 2012, p.25).

Equidade de gênero: É a igualdade de direitos, oportunidade e tratamento para todas as pessoas, independentemente do seu gênero.

Estereótipo: Imagem fixa e preconcebida acerca de algo ou alguém. É o fundamento das crenças e dos preconceitos.(JESUS, 2012, p.28).

Exploração sexual: A exploração sexual é algo decorrente a comercialização da atividade sexual, ou seja, acontece quando o indivíduo viaja para algum destino ou já pertence ao local onde ocorre o fluxo de turistas e resolve trocar sexo por dinheiro ou bens materiais. (RAMOS, 2000).

Gay: Homens que se atraem emocionalmente ou sexualmente por outros homens.

Gênero: Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo. (JESUS, 2012, p. 24)

Homofobia: Medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais e, em alguns casos, a travestis, transexuais e intersexuais, fundamentado na percepção, correta ou não, de que alguém vivencia uma orientação sexual não heterossexual. (JESUS, 2012, p.29).

Identidade de gênero: Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero. (JESUS, 2012, p. 24).

Lésbica: Mulheres que se atraem emocionalmente ou sexualmente por outras mulheres.

Machismo: O machismo é uma forma de discriminação baseada no gênero, em que os homens são considerados superiores às mulheres e possuem mais direitos e privilégios.

Orientação sexual: Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero (JESUS, 2012, p.26).

Pansexual: Pessoas que se atraem por pessoas independentemente do seu gênero ou identidade de gênero.

Transgênero: Que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. (JESUS, 2012, p.25).

Violência de gênero: É qualquer forma de violência ou discriminação baseada no gênero de uma pessoa.